



10

HEBREUS A APOCALIPSE

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Richard S. Taylor
A. F. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

A Primeira Epístola de
PEDRO

Roy S. Nicholson

Introdução

A Primeira Epístola de Pedro tem sido descrita como “Epístola da Esperança”, “Epístola da Coragem” e “Epístola da Esperança e Glória”. Ela também pode ser chamada de “Epístola da Vida Santa”, porque enfatiza o fato de que a santidade de vida é mais importante do que o livramento do sofrimento. Suas lições mais distintas são: 1) que os verdadeiros filhos de Deus estão sujeitos a sofrimentos imerecidos, mas que apesar dessas perseguições, por meio da graça e do poder de Deus, permanecerão firmes; e, 2) que eles irão se conduzir em santidade, independentemente da situação que tiverem de enfrentar. Pedro lembra que o caminho cristão é um caminho de santidade como foi exemplificado pela vida de Cristo durante sua jornada aqui na terra.

A. Autoria

Esta epístola afirma ter sido escrita por Pedro, o apóstolo, e foi universalmente aceita como tal pela Igreja Primitiva. Renan, citado por Marcos Dods, afirma que a Primeira Epístola de Pedro foi “o livro mais antigo e mais unanimamente aceito como autêntico”.¹ O bispo Thomas A. Horne diz que a veracidade e autenticidade de 1 Pedro “nunca foram contestadas”.² Tanto a evidência externa quanto a interna argumentam fortemente a favor da autoria petrina.³

Com referência à autoria de 1 Pedro, Charles Bigg declara com ousadia: “Não há livro do Novo Testamento que possua um testemunho melhor, mais primitivo e mais forte do que 1 Pedro”.⁴ A maioria dos estudiosos dos nossos dias concorda que Pedro escreveu essa epístola. A principal incerteza, no entanto, diz respeito à parte que coube a Silvano nesse escrito (cf. 5.12).

B. Destinatários

Esta carta “encíclica” foi evidentemente destinada para todo o corpo de Cristo que habitava a região da Ásia Menor, ao norte dos montes Taurus. Eles provavelmente eram convertidos de Paulo e incluíam tanto judeus quanto gentios. Alguns consideram que os judeus formavam a maioria. Outros acham que havia mais gentios do que judeus (cf. 1.14; 2.9-10; 3.6; 4.3). Dods diz que os convertidos gentios ao cristianismo sempre tinham uma certa familiaridade com os ensinamentos do Antigo Testamento e um conhecimento dos seus personagens. Sua conclusão é: “Na verdade, pode-se considerar como certa a idéia de que a carta foi endereçada a todos os cristãos que habitavam aquela região. Também é aceito como certo que as igrejas cristãs dessas regiões eram compostas de gentios e judeus”.⁵

Stephen W. Paine sugere que alguns que tiveram acesso a essa carta podem ter sido gentios que ouviram o sermão de Pedro em Pentecostes (cf. At 2.9) e “sem dúvida voltaram para a terra natal deles como colonizadores espirituais”.⁶ Andrew F. Walls sugere que essa carta foi enviada a essa parte da Ásia Menor que não foi evangelizada por Paulo. Seu ponto de vista toma por certo que a carta de Paulo aos Gálatas foi enviada aos habitantes do sul da Galácia.⁷

A visão de Bo Reicke é que aqueles da região do sul da Galácia não são mencionados porque já eram mais proximamente relacionados à igreja em Antioquia do que à congregação de Roma.⁸ Algumas autoridades teológicas declaram que 1 Pedro foi endereçada às mesmas pessoas às quais Tiago escreveu, visto que elas estavam dispersas e rodeadas por aflições cruéis e tentações impetuosas. Essa epístola pode ter sido escrita antes da perseguição oficial do estado, durante um tempo em que os cristãos estavam se defrontando com um ostracismo social inspirado por judeus fanáticos e pagãos hostis. Parece que esses crentes estavam sofrendo porque: a) eram judeus; b) eram cristãos; e c) eram considerados apóstatas pelos judeus.⁹

John H. Kerr cita Canon Cook ao defender que as orientações gerais e especiais em 1 Pedro justificam igualmente a conclusão “de que mesmo tendo os israelitas em mente, o tolerante batizador de Cornélio apresentou seu pensamento mais profundo e sério a um corpo no qual não há nem judeu nem gentio, porque todos são um em Cristo”.¹⁰

C. Data e Lugar

Há uma ampla divergência de opinião em relação ao tempo e o lugar da composição dessa epístola. Devido à falta de espaço, podemos apenas mencionar as fontes em que esses pontos são considerados em detalhes e citar brevemente as conclusões dos estudiosos conservadores.

W. H. Bennett, depois de considerar meticulosamente as objeções à autoria de Pedro e a data em que ele podia ter escrito a epístola, conclui que “a data provável foi entre 64-66 d.C.”.¹¹ Earle sugere que a data da composição dessa carta ocorreu em 64 d.C.¹² E. G. Selwyn discute a questão da data detalhadamente e a coloca no final do ano 63 d.C. ou no início de 64 d.C.¹³ A conclusão de William Barclay é que ela foi escrita logo após o grande fogo em Roma durante o reinado de Nero e em conexão com a primeira perseguição aos cristãos.¹⁴ Portanto, parece razoável datar o livro entre 63 e 65 d.C.

O lugar de onde o livro de 1 Pedro foi escrito também despertou muita controvérsia. “Babilônia” (5.13) tem sido interpretada de três maneiras. Alguns argumentam que essa epístola foi escrita de uma pequena cidade com esse nome ao norte do Egito e que era o local de um posto avançado do exército romano. Um número razoável de estudiosos zelosos afirma que a epístola foi escrita na Babilônia, junto ao rio Eufrates, na Mesopotâmia. A maioria das autoridades teológicas acredita que ela foi escrita na cidade de Roma, que Pedro envolveu com uma expressão alegórica. O testemunho geral da antiguidade, que tem um peso significativo, é que ela foi escrita naquela cidade. Eusébio, Jerônimo e outros teólogos afirmam categoricamente que 1 Pedro foi escrita em Roma.

Kuhn declarou que essa só pode ser uma referência à capital imperial. Ele cita como razões “a aplicação geral de Roma na exegese primitiva, com apenas algumas poucas exceções; [e] a falta de qualquer evidência de que Pedro chegou a ficar ou trabalhar na terra da Babilônia, em comparação com a sólida historicidade da sua estada e martírio em Roma”.¹⁵ Neare toma o caminho inverso e entende que a epístola foi escrita em uma região à qual é destinada, por um presbítero que usou um pseudônimo.¹⁶ Mas existe um consenso de que 1 Pedro foi escrita em Roma.

D. Natureza e Estilo

Discussões recentes têm se concentrado em torno da questão se 1 Pedro é uma carta, uma liturgia para o culto batismal, uma combinação dessas duas posições ou um discurso batismal.¹⁷ Ela certamente é epistolar na forma. Sua introdução, saudação e conclusão têm marcas comuns de uma epístola.¹⁸ Ela freqüentemente exhibe “digressões, recapitulações, ênfases repetidas e efusões espontâneas na forma de relatos, invocações, e assim por diante”.¹⁹

O estilo da escrita expressa a veemência e fervor do espírito de Pedro. Embora não denuncie nenhuma heresia em especial, a epístola revela o conhecimento completo que Pedro tinha do cristianismo. Ele escreve com uma forte segurança e convicção da verdade dos seus ensinamentos. As referências à vida e ensinamentos de Cristo são discretas, mas claras. A epístola está repleta de referências à experiência pessoal de Pedro; no entanto, esse que era um dos líderes no círculo apostólico exorta e testifica sem parecer estar mandando. Todavia, Merrill C. Tenney chama a atenção a “uma corrente contínua de ordens”, consistindo de 34 imperativos que indicam que Pedro estava “falando do seu coração, não escrevendo um ensaio formal”.²⁰

Joseph Benson cita uma frase de Blackwall ressaltando que Pedro escreveu com “tal rapidez e vivacidade de estilo, com tal omissão nobre de algumas das conseqüências e sutilezas gramaticais formais, ainda que preservando sua verdadeira razão e analogia natural [...] que você malmente consegue perceber as pausas do seu discurso e distinções dos seus pontos finais. Uma excelência nobre e uma liberdade apropriada é o que distingue Pedro: uma pessoa devota e sensata não pode lê-lo sem uma atenção solene e um interesse tremendo”.²¹

Selwyn vê em 1 Pedro uma mistura dos elementos *sacerdotal*, *profético* e *místico* em “uma disposição de autoridade serena” que permeia toda a epístola, e ela “não é menos eficaz por ser discreta”.²²

E. O Alvo da Epístola

Com um tom enérgico, Pedro insta os cristãos dispersos à coragem, paciência, esperança e santidade de vida diante dos maus tratos dos seus inimigos. Merrill C. Tenney expressa de maneira sucinta o alvo da epístola como sendo mostrar aos cristãos “como viver sua redenção em um mundo hostil”.²³ Isso envolve o desempenho apropriado de todos os deveres pessoais, civis e religiosos. Somente dessa forma eles poderiam desfrutar a aprovação divina e refutar as acusações falsas e difamadoras que seus inimigos estavam apresentando contra eles, visto que eles não se comprometiam com as práticas idólatras comuns daqueles que viviam no meio deles.

A lealdade aos princípios de Cristo inevitavelmente faz com que os cristãos sejam perseguidos até certo ponto e, em certos momentos, a perseguição se torna bastante severa. Pedro, ciente de quão violenta e inflamada uma perseguição podia se tornar, os conclama, à luz da glória indubitável além da provação do sofrimento, a manter sua fé cristã apesar da imerecida repreensão, perseguição e mesmo morte. Os cristãos podem ser “triunfantes diante das dificuldades”.

“Pedro sabe disso. Ele quer que seus amigos cristãos na Ásia Menor o saibam — e o demonstrem”.²⁴ A fidelidade aos princípios de Cristo no meio das suas provações impetuosas os firmaria em santidade e os ajudaria a prezar sua herança futura, que é radiante com a glória visível de Cristo. Não há um esforço para negar a perseguição, mas o alvo é lembrá-los de que a perseguição suportada com paciência resulta em bem-aventurança e glória.

F. A Teologia

A teologia de 1 Pedro é muito simples e traz uma semelhança marcante com os sermões do livro de Atos e a teologia do início da Igreja primitiva. A cristologia da epístola está clara. Ela destaca o “Servo” apresentado em Isaías 53, mas não deixa de ressaltar a subsequente exaltação de Cristo. A esperança escatológica é mantida em um foco nítido, com “o horizonte da glória pairando sobre os santos sofredores à medida que continuam sua peregrinação”. Macknight chama nossa atenção a “alguns mistérios profundos”²⁷ encontrados nessa epístola. Esses, no entanto, não obscurecem a beleza marcante dos seus ensinamentos cristãos que provam que o evangelho recebido era “a verdadeira graça de Deus” na qual deveriam permanecer firmes (5.12).

G. Semelhança com as Epístolas de Paulo

Uma fonte de objeção a Pedro como autor dessa epístola é uma certa semelhança de linguagem e estrutura com algumas epístolas de Paulo, particularmente Romanos e Efésios. Há, no entanto, diversas situações bastante claras da individualidade de Pedro. Essa epístola se harmoniza com as características pessoais de Pedro e seus discursos registrados no livro de Atos. A epístola de 1 Pedro apresenta algumas semelhanças com porções dos escritos de João bem como de Paulo, mas não tem sido sugerido que Pedro imitou João.²⁸ O teólogo alemão Gotthard Victor Lechler declarou: “É melhor aderir à opinião de que aqui e ali algumas palavras de Paulo flutuavam diante da mente de Pedro, acreditando que isso é, no entanto, compatível com a independência espiritual de Pedro; porque é apressado tornar semelhanças desse tipo um motivo para admitir imediatamente a falta de independência ou a contradição de perspectivas”.²⁹

Esboço

I. INTRODUÇÃO, 1.1

II. SANTIDADE PROPOSTA, 1.2-12

- A. A Trindade Divina Envolvida, 1.2
- B. Uma Esperança Viva e Bem Fundamentada, 1.3
- C. Uma Herança Gloriosa, 1.4,5
- D. Constância nas Provações, 1.6-9
- E. Um Desafio para Homens e Anjos, 1.10-12

III. SANTIDADE ORDENADA, 1.13-16

- A. Uma Ordem que Requer Atenção, 1.13,14
- B. Uma Ordem Baseada no Caráter de Deus, 1.15
- C. Uma Ordem Reforçada pelo Motivo mais Elevado, 1.16

IV. SANTIDADE PROVIDENCIADA, 1.17-21

- A. Um Padrão de Julgamento, 1.17
- B. Um Preço Infinito, 1.18,19
- C. Um Plano Eterno, 1.20
- D. A Apropriação por Meio da Fé Pessoal, 1.21

V. SANTIDADE EXPERIMENTADA, 1.22-25

- A. Pureza por Meio da Obediência à Verdade, 1.22a
- B. Pureza por Meio de uma Operação do Espírito, 1.22b
- C. Pureza que se Expressa por Meio de um Amor Fervoroso, 1.22c
- D. Pureza Assegurada pela Palavra de Deus, 1.23-25

VI. SANTIDADE EXEMPLIFICADA, 2.1—3.17

- A. Coisas Deixadas de Lado, 2.1
- B. Anseio pela Palavra de Deus, 2.2,3
- C. Oferecendo Sacrifícios Espirituais, 2.4,5
- D. Um Caráter Transformado, 2.6-10
- E. Abstinência dos Desejos Carnais, 2.11,12
- F. Submissão às Autoridades Cíveis, 2.13-16
- G. Cumprindo Todas as Obrigações Éticas, 2.17
- H. Persistência Paciente do Sofrimento Imerecido, 2.18-20
- I. “A Imitação de Cristo”, 2.21-25
- J. Retidão no Relacionamento Matrimonial, 3.1-7
- K. O Cumprimento de Obrigações Sociais, 3.8-14
- L. Um Testemunho Coerente, 3.15-17

VII. SANTIDADE TRIUNFANTE, 3.18-22

- A. O Sofrimento não Impede o Propósito de Deus, 3.18
- B. Um Interlúdio: A Descida de Cristo até o Hades, 3.19,20
- C. Do Sofrimento até a Glória, 3.21,22

VIII. SANTIDADE SUPERIOR, 4.1-19

- A. Dedicção à Vontade de Deus, 4.1,2
- B. Incompreensão Superada, 4.3-6
- C. Sobriedade e Vigilância, 4.7
- D. Caridade para com os Ofensores, 4.8
- E. Demonstrando Hospitalidade, 4.9,10
- F. A Glória de Deus em Todas as Coisas, 4.11
- G. Participando dos Sofrimentos de Cristo, 4.12-16
- H. Sem Medo do Exame de Deus, 4.17-19

IX. SANTIDADE EM AÇÃO, 5.1-9

- A. Relacionamentos Oficiais na Igreja, 5.1-4
- B. Relacionamentos Pessoais em Toda a Comunidade, 5.5-7
- C. Resistência Constante ao Adversário, 5.8,9

X. SANTIDADE E GLÓRIA ETERNA, 5.10,11

- A. Deus Inicia o Chamado à Santidade, 5.10a
- B. O Alvo é a Glória Eterna, 5.10b
- C. Santidade e Esperança Testadas pelo Sofrimento, 5.10c
- D. Um Processo com Vista à Eternidade, 5.10d
- E. Doxologia, 5.11

XI. CONCLUSÃO, 5.12-14

- A. Uma Carta com Propósito, 5.12
- B. Saudações da Igreja, 5.13
- C. O Sinal da Irmandade, 5.14a
- D. Oração pela Paz, 5.14b

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO

1 Pedro 1.1

O autor dessa carta identifica-se como **Pedro, apóstolo de Jesus Cristo**. Em 2 Pedro 1.1, ele se autodenomina “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo”. Para um estudo mais aprofundado da designação de Pedro como “Simão” e “Cefas”, cf. João 1.40-42. Doremus A. Hayes descreveu Pedro como “Um homem amável [...] um homem ativo [...] um homem leal [...] uma rocha [...] um homem em crescimento [...] e o apóstolo da esperança”.³⁰

Essa epístola é dirigida **aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia** — todas as províncias localizadas ao sul do mar Negro (veja mapa 1). Esses **estrangeiros** são membros da Igreja cristã que foram chamados (“escolhidos”) desse mundo (cf. Mt 24.22, 24; Rm 8.33). Eles “são forasteiros” (ARA) nos territórios designados. Veja uma discussão mais completa das questões em relação à autoria e destino de 1 Pedro na Introdução.

SEÇÃO II

SANTIDADE PROPOSTA

1 Pedro 1.2-12

A. A TRINDADE DIVINA ENVOLVIDA, 1.2

1. *A Questão da Eleição* (1.2a)

A questão da eleição apresenta um problema para a Igreja cristã por causa das interpretações conflitantes dos teólogos antigos e modernos a respeito desse assunto. Não se pode negar que a Bíblia ensina acerca da eleição. Benjamin Field³¹ descreve três tipos de eleições nas Escrituras: 1) A eleição do indivíduo para realizar alguma obra especial ou particular (Dt 21.5; 1 Sm 2.27,28; Jr 1.5; Lc 6.13; At 9.15); 2) A eleição de nações ou grupos de pessoas a privilégios religiosos elevados (Dt 4.37; 7.6; 10.15; Is 41.8-9); 3) Uma eleição pessoal de indivíduos para se tornarem filhos de Deus e herdeiros da glória eterna (1.2; 2 Ts 2.13-14). Essa última eleição não implica em uma “exclusão de outros cristãos de bênçãos preciosas semelhantes; nem garante que sua salvação seja irrevogavelmente segura; eles continuam num estado de provação, e sua eleição pode ser considerada inútil [...] por meio da descrença e [pode] resultar em nada”.³²

“A eleição e a predestinação de Deus [...] são sua provisão graciosa e um propósito para salvar todo aquele que crê no Senhor Jesus Cristo, e não uma predeterminação arbitrária daqueles que podem crer”.³³

2. *A Santidade Proposta* (1.2ab)

A eleição deles era **segundo a presciência de Deus Pai**; i.e.: de acordo com “o conhecimento compreensivo de Deus dos seus próprios planos e obras, de maneira que a presciência é praticamente equivalente ao seu propósito deliberado e perspicaz”.³⁴

A **santificação** aqui proposta inclui tanto o processo quanto o resultado dessa operação do Espírito Santo, por meio da qual o coração da pessoa é purificado do mal moral e o caráter da pessoa é totalmente ajustado à vontade de Deus. O propósito eterno de Deus é que o homem seja como Ele (cf. Ef 1.4). Nessa condição moral, Ele criou o homem (cf. Gn 1.26,27). Há um momento decisivo em relação a essa obra divina, no qual em um instante “o coração é purificado de todo pecado e enchido com o amor puro de Deus e do homem” (João Wesley). A santidade aqui proposta é operada pelo Espírito Santo, que ministra o “estado de graça” provido por meio do sangue de Jesus Cristo. Não é uma perfeição absoluta que impede a possibilidade de aperfeiçoamento, mas é a restauração da imagem divina na alma do homem, de tal forma que tanto seu caráter quanto o seu serviço são aceitáveis a Deus. Essa santidade é a aptidão para a vida e serviço e não um caráter final no sentido de ser um estado que não pode ser aperfeiçoado. Ela dá à vida pureza, poder, beleza e harmonia.³⁵

3. *A Garantia do seu Alcance (1.2)*

Essa santificação se origina em **Deus Pai**. Ela é provida pela morte redentora de Jesus Cristo. Ela é operada pela ação eficaz **do Espírito**. Esse envolvimento da Trindade indica a importância dessa purificação interior e pessoal do coração e garante sua realização quando o homem se entrega completamente à vontade e serviço de Deus e exercita a apropriação da fé por meio **do sangue de Jesus Cristo**. A saudação de Pedro a esses cristãos indica a convicção de que o gozo pessoal da **graça** da santidade concedida resulta na multiplicação da **paz**.

B. UMA ESPERANÇA VIVA E BEM FUNDAMENTADA, 1.3

Ao escrever aos cristãos que estavam experimentando provações tremendas e privações indescritíveis, Pedro não só os lembra do propósito e poder de Deus revelados na salvação assegurada a eles pela Trindade (v. 2), mas os encoraja a enfrentar o futuro com ousadia santa, porque a salvação deles será aperfeiçoada. **Bendito seja [...] Deus**, que, como **Pai de nosso Senhor Jesus Cristo** “é a fonte máxima da nossa regeneração; e, por meio da sua ressurreição garante nossa bem-aventurança futura; e, entretantes, nos mantém a salvo dos perigos desta vida presente”.³⁶

O capítulo 1 trata basicamente da fé como fundamento e apoio para a obediência e paciência. A fé ajuda os cristãos a crer, a obediência os encaminha a fazer e a paciência os conforta no sofrimento. A sua fé deve estar fundamentada na sua redenção e salvação por meio de Jesus Cristo, na herança da imortalidade que lhes foi comprada pelo sangue dele e na evidência e estabilidade do direito que têm a ela.

Assim como a **ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos** era o primeiro passo em direção à sua glória e à exaltação que se segue, assim a regeneração é “o fundamento e o primeiro passo de todos esses privilégios do cristão que são consequência do estado da graça”.³⁷ Além disso, a ressurreição do Senhor Jesus é “a pedra fundamental da nossa esperança [...] uma prova da imortalidade da alma [...] uma garantia de que todos que estão unidos com Ele serão ressurretos”.³⁸ A morte de Cristo manifesta seu amor. Sua ressurreição manifesta seu poder e aptidão para salvar. Portanto, sua ressur-

reição é fundamental para a esperança e confiança do cristão. Pedro, como testemunha ocular da ressurreição do nosso Senhor, seguiu sua saudação aos cristãos dispersos com uma doxologia que exhibe “o conteúdo e a base da fé cristã” e que permeia o Novo Testamento, a saber, a “esperança da ressurreição dos mortos”. Essa ressurreição é baseada no triunfo de Cristo sobre a morte que afasta o olhar do homem e se concentra em Deus. Esse concentrar-se em Deus é o segredo da esperança cristã”.³⁹

C. UMA HERANÇA GLORIOSA, 1.4,5

A “grande misericórdia” de Deus (v. 3) revela o seu caráter benéfico, que é a fonte da esperança cristã. “A ressurreição” de Cristo testifica da aceitação de Deus do seu sacrifício e é a base da sua exaltação mediadora. O objeto central da esperança do crente é **uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação...**

Como filhos de Deus, os crentes são herdeiros de Deus. Há uma herança guardada para eles. Diferente de tesouros terrenos que murcham, essa herança espiritual é **incorruptível**. Ela conserva sua perfeição imutável porque não contém sementes de deterioração. Ela é **incontaminável**, “incapaz de ser maculada ou de ser desfrutada por qualquer alma poluída”.⁴⁰ Em vez de murchar ela permanece num frescor perpétuo, que nunca se deteriora quanto ao seu valor, graça ou beleza. Essa herança é mantida absolutamente segura para os crentes que estão sendo **guardados** para ela. Essa herança espiritual eterna, que não pode ser violada pela perseguição, encoraja os crentes a permanecerem firmes na fé, independentemente dos seus sofrimentos.

Isso requer fé no poder de Deus, que guarda os seus contra todos os inimigos. Ele tem a capacidade de preservar todo crente que se compromete com o poder divino. Essa é a causa eficiente de preservação, ao passo que a fé do homem é o meio eficaz. Nesse caso, a **fé** se refere a ser guardado, em vez de fé **para a salvação**. A **salvação** aqui é a salvação final no céu. Essa **salvação** está **prestes para se revelar no último tempo**. Não é algo a ser preparado agora ou a partir de agora, portanto, “sujeito a nunca ser realizado, mas um fato concluído, pronto e esperando para ser manifestado no momento certo”.⁴¹ Há segurança para o crente. Ela é *para a eternidade*, mas ela não é uma segurança incondicional. Essa salvação requer fé, que envolve consentimento mental e compromisso pessoal.

D. CONSTÂNCIA NAS PROVAÇÕES, 1.6-9

Que a alegria e a tristeza podem coexistir na vida cristã é algo revelado pela grandeza do propósito da salvação e a preciosidade do maravilhoso Salvador. Pedro garante aos seus leitores que há uma “herança” aguardando os cristãos e que essas diversas tentações que causaram sofrimento são permitidas para provar que a sua fé é real. A serenidade nessas crises, embora possa parecer que estivessem sendo provados **pelo fogo** (7), significaria a aprovação pelo próprio Senhor com **louvor, e honra, e glória** na sua

revelação. O problema do sofrimento sempre tem desnortado os cristãos, mas o caminho para a glória passa por resistência ou oposição. Além disso, provações e sofrimentos “raramente vêm isolados, mas são numerosos e aparecem de diferentes direções” (Matthew Henry). Esse processo purifica a alma pela separação de qualquer impureza e a manifestação da integridade da fé cristã em Jesus Cristo e no amor a Ele.

Nessa epístola, Pedro está cumprindo a comissão do seu Mestre: “confirma teus irmãos” (Lc 22.32). Ele tinha visto Jesus, mas é provável que ninguém nas igrejas a quem escreveu esta epístola O tivessem visto. Pedro os louva por crerem no Cristo crucificado, ressurreto e não visto e pelo amor deles que é o fruto da verdadeira fé. A firmeza, apesar de provações severas, os capacitaria a alegrarem-se **com gozo inefável e glorioso, alcançando o fim da sua fé, a salvação da alma** (8,9). A firmeza deles diante da perseguição provaria a realidade da sua fé e os fortaleceria de tal forma que a linguagem humana não conseguiria expressar a alegria deles em serem salvos de todo pecado e qualificados a desfrutar das bênçãos que Cristo concederá aos fiéis na sua volta.

E. UM DESAFIO PARA HOMENS E ANJOS, 1.10-12

A **salvação** da qual **inquiriram e trataram diligentemente os profetas** (10) é o produto direto **da graça** de Deus: seu favor imerecido, que o homem não podia garantir por conta própria, mas sem o qual estava desesperançado. A fonte dessa revelação que os profetas profetizaram era **o Espírito de Cristo** (11), o Espírito Santo. A salvação profetizada é agora um fato experimentado, com glórias indescritíveis reservadas para aqueles que estão “mediante a fé, [...] guardados na virtude de Deus” (v. 5).

Em Pentecostes, e depois, Pedro referia-se aos profetas (cf. At 2.16-21, 25-31; 3.24). O grande tema dos profetas era a graça que Deus tinha provido para o mundo por meio do dom da salvação a todo aquele que cresse em Jesus Cristo (cf. Jo 3.16; 2 Pe 3.9). Os profetas que investigavam e examinavam diligentemente revelavam um profundo interesse acerca do tema que escreviam e falavam. A salvação da qual profetizavam transcendia tudo que conheciam e experimentaram. Eles “procuram o significado das profecias que anunciavam, da mesma forma que os mineradores procuram o precioso minério”.⁴²

Os profetas centralizaram seu interesse acerca do **tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo [...] indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir** (11). Eles queriam saber o tempo exato e a natureza desse tempo. “Eles queriam saber mais a respeito daquilo que escreviam e entender melhor o que escreviam”.⁴³ Eles desejavam saber as condições e circunstâncias em que Cristo iria vir. Esses homens de Deus também estavam aturdidos pela natureza e relação dos sofrimentos e subsequente glória associados com a vinda do Messias. Os profetas, bem como esses cristãos dispersos, estavam aturdidos com o problema em como os sofrimentos e a glória podiam ser reconciliados. Quanto tempo deve decorrer entre essas duas situações? O interesse no propósito gracioso de Deus era tão grande que **os anjos desejam bem atentar** (12) esse mistério. Foi revelado aos profetas que as coisas que ministravam não eram **para si mesmos**. Eles eram os administradores de um estado que os crentes em Cristo deveriam desfrutar.

Os versículos 10-12 deixam claro o apelo do apóstolo à constância e alegre persistência nas provações. Valia a pena esperar pela salvação, visto que ela foi o cumprimento do ensino dos profetas e que havia despertado um interesse intenso nos profetas e anjos. Os cristãos podem ser perseguidos e desprezados, no entanto, eles são “os herdeiros de todas as épocas”; por eles homens inspirados haviam sofrido ao longo dos séculos, bem como nos seus próprios dias. Eles teriam de sofrer por um tempo; eles não sabiam quanto tempo as suas provações iriam durar ou quanto tempo teriam de esperar até serem libertos pela nova revelação de Cristo [...] Os cristãos devem suportar com paciência as suas incertezas, como ocorre com os tempos e as estações, lembrando que eles compartilham dessa ignorância com os anjos (Mc 13.32) que conheciam menos ainda acerca do evangelho do que os leitores da epístola.⁴⁴

Mas eles estavam certos de uma coisa: seu sofrimento presente seria substituído pela glória futura se mantivessem uma fé firme em Jesus Cristo, o Salvador e Exemplo deles.

SEÇÃO III

SANTIDADE ORDENADA

1 Pedro 1.13-16

A. UMA ORDEM QUE REQUER ATENÇÃO, 1.13,14

Em vista dessa grande salvação com sua esperança viva e herança incorruptível, o homem não pode escapar da obrigação de viver uma vida santa. Incerteza e atraso não devem seduzi-los de volta à velha vida da qual haviam sido salvos. **Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios** (“perfeitamente serenos”, Berk.) **e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo** (13), i.e., na sua segunda vinda. Eles devem preparar-se para agir, dispondo-se a um esforço ao concentrar-se inteiramente nas suas circunstâncias e obedecendo às ordens de Deus. Eles deveriam cuidar para que suas mentes não estivessem voltadas para as importunações, medos e preconceitos mundanos. O sucesso na vida cristã requer a cooperação do intelecto, das faculdades morais e espirituais. Para estar preparado para o retorno do Senhor eles devem ser **filhos obedientes** (14), não conformados com as maneiras e a moralidade daqueles que viviam entre eles. Seu caráter e conduta devem ser compatíveis com a sua fé cristã. Phillips traduz o versículo 14b da seguinte maneira: “Não permitam que seu caráter seja amoldado pelos desejos dos dias da sua ignorância”. Visto que foram gerados “de novo” (v. 3), eles participam da natureza do seu Pai, que é santidade (cf. Mt 5.48). Essa nova maneira de vida requer um abandono daquilo que eram e faziam no passado e uma transformação naquilo que não tinham sido.

B. UMA ORDEM BASEADA NO CARÁTER DE DEUS, 1.15

O lado negativo em relação à santidade é apresentado no versículo 14. O lado positivo é aqui apresentado em que devemos nos amoldar a um novo padrão. **Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos.** Deus chama; é dever do homem responder. Deus apresenta o Padrão; é responsabilidade do homem adotá-lo. Deus é o Modelo de toda santidade (cf. 1 Jo 2.6). O elevado privilégio e destino glorioso dos “eleitos” (v. 2) os obriga a seguir diligentemente o exemplo do Santo que os chamou (cf. Ef 5.1).

O que está no coração se manifestará na vida. Dessa forma, a verdadeira santidade se revelará em cada fase do viver diário: **em toda a vossa maneira de viver.** “Sejam santos em cada área da vida” (Phillips). “Sejam santos em toda a sua conduta” (RSV). A verdadeira santidade é a vitalidade relacionada aos aspectos civis, religiosos, pessoais e públicos da vida — a todos os relacionamentos humanos. Santidade e ética não podem estar separadas, porque a verdadeira conduta ética é moldada de acordo com o caráter de Deus.

C. UMA ORDEM REFORÇADA PELO MOTIVO MAIS ELEVADO, 1.16

A santidade de Deus é o motivo supremo para a santidade do homem: **Sede santos, porque eu sou santo** (16). A ordem de Deus para ser santo (cf. Lv 11.44-46; 19.2; 20.7, 26) mostra que Ele propõe que aqueles que Ele chama devem ser sua possessão, não partilhada com ninguém. Ele é o Pai deles; o céu é o lar deles (cf. v. 4); e a vida deles na terra é passageira (cf. v. 1). Portanto, o caráter que os qualifica para o céu deve ser semelhante ao dEle (cf. 2 Co 3.17-18). Essa qualificação não é alcançada por uma separação ritual da impureza, nem por uma consagração formal ao serviço divino, mas pelo compartilhar da santidade de Deus por meio de Cristo (cf. Hb 12.10; 13.12; 1 Jo 1.7). Por meio da apropriação pessoal das promessas e provisões da expiação, os crentes são feitos “participantes da natureza divina” (2 Pe 1.4).

Santidade é a escolha de Deus para a condição moral do homem. Por causa da natureza de Deus, é *justo* que o homem se assemelhe a Ele. Ele é o Criador. Por causa da natureza do homem, é *possível* que ele seja “parecido” com Deus. A possibilidade de nos tornarmos santos determina nosso dever de ser santo. Quando consideramos a natureza de Deus, a vontade de Deus, o chamado de Deus, a ordem de Deus, a promessa de Deus, a provisão, o poder de Deus e os propósitos eternos de Deus, a conclusão inevitável é que sem santidade não conseguiremos agradá-lo (cf. Hb 12.14).

SEÇÃO IV

SANTIDADE PROVIDENCIADA

1 Pedro 1.17-21

A. UM PADRÃO DE JULGAMENTO, 1.17

A santidade de Deus cria uma reverência respeitosa em todos os verdadeiros crentes. Ele não é somente nosso **Pai**, mas também nosso Juiz. Sua santidade garante que sua misericórdia não deve se tornar uma indulgência nem sua justiça uma opressão. **Sem acepção de pessoas** (imparcialidade), **julga segundo a obra de cada um**. Todo pecado é completamente ofensivo a Deus, que por causa da sua santidade odeia o pecado, por causa da sua bondade se inclina para resgatar o homem do pecado, pela sua sabedoria compreende como a salvação do pecado pode ser cumprida e, pelo seu poder, é capaz de alcançá-lo. Portanto, visto que a santidade é um atributo básico de Deus e é coerente com o seu propósito para o homem, todos os peregrinos da terra deveriam viver em temor para que no dia do julgamento não sejam condenados por um Juiz santo que não pode desculpar o pecado ou aprovar um ser profano. Esse temor reverente é o oposto da indiferença para com a santidade e a segurança carnal que caracteriza tanta gente que professa ser cristã. É a impossibilidade moral de o homem amar a Deus e intencionalmente rejeitar a santidade que o traz de volta a um cumprimento de tudo que pertence à sua natureza como Deus a fez.

B. UM PREÇO INFINITO, 1.18,19

Tanto o preço infinito por meio do qual a redenção se tornou possível quanto o julgamento imparcial de Deus reforçam o dever da santidade. **Não foi com coisas corruptí-**

veis, como prata ou ouro, que fostes resgatados [...] mas com o precioso sangue de Cristo. Prata e ouro, embora altamente estimados pelo homem, são **corruptíveis** e desaparecerão (cf. v. 7). Têm-se em mente aqui os valores eternos. Muitos ainda vivem de acordo com a **vã [...] tradição** recebida dos seus ancestrais e aguardam a salvação por meio de “uma rotina de ritualismo insensível” ou boas obras. No caso dos judeus, eles confiavam no seu relacionamento terreno como “filhos de Abraão” para a sua salvação. Os gentios colocavam sua esperança nos muitos deuses do politeísmo, cujo favor eles achavam que podia ser comprado com prata e ouro. Nos dois casos, seu modo de vida era aprovado (sancionado) pela moralidade e religião convencionais.⁴⁵

A palavra **resgatados** é uma das figuras favoritas da obra de Cristo. Seu ponto principal reside “no pagamento de um preço, o estado infeliz do pecador e seu livramento”.⁴⁶ O objetivo dessa redenção não é somente livrar da miséria eterna, mas do amor ao pecado e do seu poder. Wuest ressalta que prata e ouro estão na forma diminutiva, “referindo-se a pequenas moedas de prata e ouro que eram usadas para resgatar escravos da escravidão”.⁴⁷ Mas os crentes sabem que seu livramento não é proporcionado por uma redenção “corruptível”. O ingresso em uma herança incorruptível não pode ser assegurado dessa forma. Isso ocorre pelo **precioso sangue de Cristo**. Este é o primeiro uso da palavra **precioso** por Pedro, que ocorre diversas vezes em sua epístola. A redenção é valiosa, porque ela ocorre por intermédio da morte sacrificial de Cristo, cujo sangue é mantido em alta honra; ela é “essencial e intrinsecamente preciosa porque é o sangue de Deus (At 20.28), visto que a divindade se encarnou em forma humana. Por esse motivo, ele é altamente honrado por Deus, o Pai”.⁴⁸ O preço infinito e o benefício inestimável da salvação fornecem uma nova razão para o homem aspirar à santidade em caráter e conduta.

C. UM PLANO ETERNO, 1.20

A provisão de um plano de salvação não era uma coisa nova ou uma explicação posterior de Deus. Todo o sistema debaixo do qual os judeus haviam sido ensinados tinha isso como seu significado. Por meio de figuras e sombras, profetas e sacerdotes, Deus buscou prepará-los para esse “acontecimento na eternidade”, quando Cristo encarnou, foi crucificado, ressuscitou e foi glorificado. Mas, antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu “nele [...] para que fôssemos santos” (Ef 1.4). Assim, “a personalidade e obra de Cristo não eram o resultado natural do desenvolvimento do mundo nem um decreto de Deus subitamente formado num determinado tempo”.⁴⁹ Mas Ele **foi [...] manifestado** na plenitude do tempo de Deus. “A dispensação cristã, o ponto e período na história da vinda de Cristo, é aqui considerado como o clímax e consumação das eras anteriores (cf. Hb 1.1,2; 9.26)”.⁵⁰ (Veja também Rm 16.25-26; Gl 4.4,5; Ef 1.9,10; 3.9-11; Cl 1.26; 2 Tm 1.9,10; Tt 1.2,3; Ap 13.8).

D. APROPRIAÇÃO POR MEIO DA FÉ PESSOAL, 1.21

Por ele, a Encarnação de Deus e nosso único Mediador, cremos **em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória**. “Sem Cristo só nos restava ter medo de

Deus; ao passo que por meio dele cremos e esperamos e amamos” (Wesley). Nossa **fé e esperança** estão depositadas somente em Deus. Ele não é um deus tal como os gentios o conhecem, nem mesmo o Deus que Israel conhecia como o Libertador do Egito, mas o Deus de poder e glória suprema, o “Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 3; cf. At 2.22-36).

Somente por meio de Cristo o homem pode ser salvo (cf. At 4.12). Para que essa salvação se torne uma realidade pessoal deve haver uma fé apropriada (cf. Hb 11.6), que inclui consentimento intelectual com o fato de a morte, ressurreição e glorificação de Cristo proverem salvação. Também deve haver um compromisso pessoal com Cristo, para que os benefícios da sua expiação sejam concedidos à alma pelo Espírito Santo. Ao ressuscitar e exaltar Cristo, Deus demonstrou sua aceitação da pessoa e obra de Cristo. Dessa forma, à luz da morte redentora de Cristo e da aceitação de Deus do seu sacrifício em nosso lugar, somos desafiados a vir a Deus em **fé e esperança**, que são sustentadas pela graça apesar do sofrimento (cf. vv. 3, 13, 21).

SEÇÃO V

SANTIDADE EXPERIMENTADA

1 Pedro 1.22-25

A. PUREZA POR MEIO DA OBEDIÊNCIA À VERDADE, 1.22A

Os crentes são chamados à santidade (cf. 1 Ts 4.7), que envolve obediência à verdade. Jesus Cristo declarou: “Eu sou [...] a verdade”. Ele também orou ao Pai que seus seguidores fossem santificados “na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). “A Palavra de Deus, operando no coração do crente como verdade e luz, é a razão formal da santificação”.⁵¹ Pode-se dizer que o processo da purificação começou quando a pessoa aceita a verdade em relação a Cristo e se submete às suas exigências. Bennett não considera a **verdade** em primeiro lugar as regras específicas deixadas por Cristo e seus apóstolos e, sim, “um termo abrangente que engloba todos os meios por intermédio dos quais a vontade de Cristo pode ser conhecida — seu ensinamento e exemplo, a influência do seu caráter e obra, e do seu Espírito [...] A submissão a esse tipo de autoridade envolve uma completa separação de tudo que foi indigno no seu estilo de vida anterior”.⁵²

O processo tem a crise da purificação em vista. Antes e depois dessa crise, deve haver uma obediência contínua à verdade. Esse não é um processo de crescimento muito extenso ou nunca completado”,⁵³ mas é uma experiência instantânea atestado pelo testemunho do Espírito Santo e “o fruto do Espírito” (Gl 5.22-23). Essa purificação é tanto negativa, deixando toda malícia (cf. 2.1), quanto positiva, revestindo-se do que é bom e crescendo nisso. A purificação é algo a mais além daquilo que começou na regeneração (cf. v. 3) e envolve uma resposta momento a momento em relação à revelação do Espírito no que tange à vontade de Deus.

B. PUREZA POR MEIO DE UMA OPERAÇÃO DO ESPÍRITO, 1.22B

O Agente divino na purificação do coração é o Espírito Santo (cf. At 2.1-4; 15.8,9; Rm 15.16; 2 Ts 2.13; 2 Pe 1.2). “Embora o grego [de Atos 15.9] não seja idêntico, o significado é essencialmente o mesmo de ‘tendo purificado suas almas’, que Pedro aqui diz ser o resultado da ‘obediência à verdade’ (1.22)”.⁵⁴ “O Espírito”, diz John Wesley, “concede livremente tanto obediência quanto pureza de coração”.

A purificação do coração é uma obra interna e subjetiva; portanto, como uma operação espiritual ela requer a ação do Espírito de Deus. Ele está associado tão intimamente com a aplicação dos méritos da morte expiatória de Cristo pela santificação do coração que geralmente se refere a Ele como o Espírito Santo. Sua obra também é testemunhar que a purificação é uma realidade (cf. 1 Jo 3.24; 4.13).

C. PUREZA QUE SE EXPRESSA POR MEIO DE UM AMOR FERVOROSO, 1.22C

O produto de um coração puro é a **caridade fraternal, não fingida**. A nova natureza se expressa por meio de um amor “não hipócrita” (NASB, margem), porque o coração foi purificado do egoísmo e ódio. Esse amor uns pelos outros é fervoroso, sincero e constante, “com plena capacidade de amar”. Não há nada superficial ou meramente sentimental a esse respeito, porque ele vem de um coração “puro de qualquer mancha de desejo profano ou paixão imoderada” (Wesley). Walls declara que a palavra grega *ektenos* não sugere cordialidade ou ternura, mas “plena intensidade”.⁵⁵ Isso é possível porque os puros têm uma nova fonte de vida, uma nova natureza e um novo poder que os impele a converter o dever em ação.

D. PUREZA ASSEGURADA PELA PALAVRA DE DEUS, 1.23-25

O próprio Jesus descreveu o início da vida cristã como **sendo de novo gerados** (23; cf. Jo 3.1-8). Os pecadores estão “mortos em ofensas” (Ef 2.1); desta forma, eles precisam de um renovo de vida ou um renascimento espiritual. Pedro descreveu isso como gerados “de novo” (v. 3), e Tito chama essa experiência de “lavagem da regeneração” (3.5). Por meio da nova geração, os cristãos entram em um novo relacionamento como “filhos de Deus” (1 Jo 3.1,2). A natureza espiritual desse novo relacionamento não vem **de semente corruptível**, como ocorre em todas as gerações humanas, **mas da incorruptível, pela palavra de Deus**. Esse novo nascimento é efetuado pelo Espírito de Deus (cf. Jo 3.5-8), por meio das verdades vivas e eternas da mensagem do evangelho (1 Co 4.15), **que permanece para sempre**. A “palavra viva” e a “viva esperança” (v. 3) estão vitalmente relacionados.

A santificação começa na regeneração. “O novo princípio de vida conferido pelo Espírito Santo é o princípio de santidade”.⁵⁶ Assim, falamos dela como santificação inicial, que é parcial em vez de inteira. **Mas a palavra do Senhor que permanece para sempre** (25) garante que toda a santificação é realizável como uma experiência de crise depois da regeneração, um ponto em que Pedro, Paulo e João concordam

vam perfeitamente (cf. Ef 1.13; 1 Ts 5.23,24; 1 Jo 1.7,9). A verdade a respeito da santidade está depositada sobre um fundamento seguro.

Acerca de **toda carne é como erva** (24), Wesley comenta: “Cada criatura humana é passageira e murcha como a erva. *E toda a glória dela* — a sabedoria, força, riqueza e justiça. *Como a flor* — a parte de menor duração de vida dela”.⁵⁷ Mas **a palavra** (25) — boas-novas por meio das quais os crentes são levados a um novo relacionamento e uma nova vida espiritual — **permanece para sempre**. O propósito de Deus é criar filhos que serão semelhantes a Ele. Esse propósito será cumprido apesar da oposição satânica e fragilidade humana.

SEÇÃO VI

SANTIDADE EXEMPLIFICADA

1 Pedro 2.1—3.17

A. COISAS DEIXADAS DE LADO, 2.1

Essa seção inicia a ênfase ética da vida cristã. Santidade é mais do que uma doutrina e uma experiência; ela é uma vida. Essa seção (2.1—3.17) apresenta a conduta esperada daqueles que têm se apropriado dos elevados privilégios do capítulo 1. Esse povo eleito, na sua peregrinação em um mundo hostil, deve exemplificar o espírito de santidade e recomendar dessa forma o evangelho aos não convertidos onde residem temporariamente. As coisas exigidas tornam o cristão mais estável.

A exortação do versículo 1 é uma ampliação do princípio do amor em 1.22. Cinco coisas precisam ser deixadas de lado, porque são inconsistentes com o amor puro. **Malícia** é malevolência, a inclinação de prejudicar nosso próximo ou fazer outros sofrerem. **Engano** é a astúcia enganosa ou trapaça para obter vantagem sobre os outros. **Fingimentos** são atos falsificados por meio dos quais alguém finge ser ou fazer algo que ele não é ou faz. **Invejas** indicam ciúmes que, na verdade, são malícias ocultas ou malevolência; eles surgem de corações que estão “descontentes e depreciam a habilidade, a prosperidade, o desempenho ou a reputação dos outros”.⁵⁸ **Murmurações** significam malícia em palavras, que insinuem, difamam, caluniam e contam mentiras injuriosas.

Agostinho é citado como aquele que disse o seguinte: “A *malícia* se deleita na dor do outro; a *inveja* definha com o bem do outro; o *engano* comunica duplicidade aos corações e a *hipocrisia* (ou adulação) à língua; *murmurações* (“maledicências”, ARA) ferem o caráter do próximo”. O verbo grego — **deixando** — indica uma ação definitiva contra todo tipo

de pecado no momento da sua conversão, de tal forma que não há lugar para qualquer pecado na vida de um cristão. Marvin L. Galbreath cita Paul S. Rees: “Todo pecado que sobreviveu ao choque da conversão deve ser abandonado”.⁵⁹

B. ANSEIO PELA PALAVRA DE DEUS, 2.2,3

Novamente os aspectos negativos e positivos da vida cristã são colocados em contraste. No versículo 1, havia impedimentos a serem abandonados. Aqui, **como meninos novamente nascidos** (“crianças recém-nascidas”, ARA, v. 2), que haviam experimentado uma completa mudança de vida e caráter, eles devem desejar **afetuosamente** (“ardentemente”, ARA) o **leite racional, não falsificado**, espiritual, não misturado com água. Eles precisam fazer progresso; a maneira mais segura de recair no pecado é não buscar a santidade. Eles tiveram uma regeneração genuína (cf. 1.3,23). O alimento propiciado pelas verdadeiras doutrinas do evangelho os capacitaria a crescer “em fé, amor, santidade, até a plena estatura de Cristo” (Wesley).

Somente quando os cristãos se alimentarem da Palavra de Deus é que vão crescer. Nada pode substituir a Palavra. Uma explanação de muitos casos de desenvolvimento reprimido no meio do povo de Deus é que tão poucos realmente provaram (v. 3), por meio da atenção pessoal à sua vida devocional, **que o Senhor é benigno**; ou como alguns tradutores preferem: “quão doce é o Senhor” (cf. Alford). A alma crescente precisa “de tempo para ser santa”.

C. OFERECENDO SACRIFÍCIOS ESPIRITUAIS, 2.4,5

Em 1 Pedro 1.23, o autor contrasta uma semente carnal e uma semente espiritual; aqui ele contrasta um templo espiritual de crentes nascidos de novo com o Templo de pedra em Jerusalém. Por meio de Jesus Cristo, a **pedra viva**, e nossa relação com Ele como **pedras vivas**, vivos em Deus por meio de Cristo, somos **edificados casa espiritual** (5), “uma morada de Deus no espírito” (Ef 2.22). Nossa relação com Cristo é de comunhão constante e uma dependência pela fé. Nosso Senhor, a “pedra viva”, foi **reprovada [...] pelos homens** (4) que o rejeitaram como um blasfemador desprezível, mas **para com Deus essa pedra viva é eleita e preciosa**. O homem finito o rejeitou, mas o Deus infinito o escolheu como a “pedra angular” e o escolheu para essa honra.

Como pedras vivas, aqueles que compõem essa **casa espiritual** (5) não são frios, rígidos e sem vida, como era o material do Templo terreno. Pelo Espírito que habita neles, eles são a **casa** (habitação) de Deus. Eles não só compõem a casa, mas, como **sacerdócio santo**, consagrados a Deus e santos como Ele é santo (1.15), ministram nessa casa, oferecendo **sacrifícios espirituais**; suas “almas e corpos, com todos os seus pensamentos, palavras e ações” (Wesley) estão em contraste com bois, bodes e cordeiros do antigo concerto. Os sacrifícios dos crentes são **agradáveis a Deus** porque são oferecidos **por** (por meio de) **Jesus Cristo**, seu grande Sumo Sacerdote, o perfeito Sacrifício e Propiciação pelos pecados da humanidade, e nosso Advogado diante do Pai (cf. 1 Jo 1.1,2; Hb 4.14-16).

D. UM CARÁTER TRANSFORMADO, 2.6-10

Pedro se baseia em Isaías 28.16 para essa citação (vv. 6-8), mas visto que essa não é uma citação exata do texto hebraico ou da LXX, alguns supõem que ela foi citada de memória. Stibbs sugere que Isaías 28.16, Salmos 118.22 e Isaías 8.14 estão “harmonizados para expressar toda a verdade” dessa metáfora.⁶⁰ A verdade principal é que a posição singular de Cristo como a **pedra principal da esquina** da sua nova habitação foi profetizada e predeterminada (**eleita**) de Deus, e **quem nela crer não será confundido** (6), “desapontado”, “envergonhado” (NVI), porque em Cristo ele descobrirá que sua confiança está segura.

Por outro lado, Cristo, a **pedra principal** que é **preciosa** (um valor precioso) para aqueles que crêem, torna-se três coisas para o desobediente e descrente: *a*) **a principal da esquina** (7), para repreender seu escárnio; *b*) **uma pedra de tropeço** (8), contra a qual eles se machucam se passarem por Ele sem tomar o devido cuidado, e *c*) **uma pedra de tropeço**, trazendo vergonha e ruína eterna sobre aqueles que **tropeçam** sobre Ele ao rejeitar submeter-se à influência do evangelho, e assim opor-se ao seu poder e autoridade. Eles estão **destinados** à destruição, não arbitrariamente, mas em justiça, por causa da sua rejeição da misericórdia e da verdade.

Nos versículos 9,10, ocorre mais um contraste, entre o tempo presente do crente (v. 9) e seu passado (v. 10). É uma condição real, não meramente um ideal. Eles são uma **geração eleita** (9), separados do mundo e pelo seu novo nascimento receberam um novo relacionamento; um **sacerdócio real**, em que cada crente, pela completa identificação da sua vontade com a vontade de Deus, compartilha sua autoridade real e pode chegar-se a Deus diretamente por meio de Cristo. Eles são uma **nação santa**, ou povo, porque foram chamados por um Deus santo e purificados pelo Espírito (cf. 1.22); um **povo adquirido** (“povo exclusivo de Deus”, NVI; “povo comprado”, Wesley).

O propósito divino é que pelo contraste entre a santidade da nova vida, **sua maravilhosa luz**, e a maldade das antigas **trevas** da qual foram redimidos, eles deveriam anunciar **as virtudes daquele que os chamou** para uma nova vida. Seu testemunho é tanto mais marcante porque **em outro tempo** eles **não eram povo** (cf. Os 1.10; 2.23), **mas agora** são **povo de Deus** (10) pelo triplice direito da criação, preservação e redenção. Aqueles que outrora **não tinham alcançado misericórdia** [...] **agora**, alcançaram **misericórdia**, não por mérito pessoal, mas pela graça e a abundante misericórdia de Deus (cf. 1.2,3).

E. ABSTINÊNCIA DOS DESEJOS CARNAIS, 2.11,12

Nesse texto, Pedro inicia mais uma série de exortações. Anteriormente (1.13-2.10), ele tinha revelado preocupação com o relacionamento dos crentes com Cristo e uns com os outros. Nessa série (2.11—4.6), ele está preocupado com as relações com o mundo lá fora. Essa exortação preliminar adverte que existem **concupiscências carnis, que combatem contra a alma** (11). Wesley fala da sua moradia em uma casa (o corpo) estrangeira e de serem **peregrinos** em um país estrangeiro (este mundo). Portanto, eles devem abster-se de tudo que é natural nessa casa estrangeira onde habitam temporari-

amente ou nesse país pelo qual estão passando. Não devemos concluir que o corpo (ou a vida humana) na terra é essencialmente mau. Eles se tornam maus à medida que entram em conflito com a vontade de **Deus pela alma**.

Os cristãos foram difamados e maltratados porque recusaram-se a adorar os deuses pagãos e a participar de festas carnais a ídolos. Pedro diz que eles deveriam evitar cuidadosamente tudo que prejudicasse o corpo, atrapalhasse o desenvolvimento da alma, destruísse o amor mútuo ou enfraquecesse seu testemunho cristão. O seu **viver** (vida inteira) deve ser **honesto entre os gentios** (12), sendo aprovados pelas suas virtudes do julgamento moral mesmo por parte dos não-cristãos. Muito antes da era cristã, Platão escreveu acerca “da batalha imortal entre o certo e o errado”.⁶¹ Apesar das calúnias e difamações acusando os cristãos de malfetores, uma investigação cuidadosa da sua vida e caráter convenceria seus detratores da coerência cristã e poderia levar os **gentios** (pagãos) a crer em Cristo. Em todo caso, a honestidade os obrigaria a glorificar a Deus, i.e., engrandecer o Deus dos cristãos, segundo quem eles moldavam a sua conduta. O versículo 12 pode estar refletindo o que Pedro ouviu de Cristo no Sermão do Monte (cf. Mt 5.16). O **Dia da visitação** significaria o dia “em que o Espírito os influencia” (Berk., nota de rodapé).

F. SUBMISSÃO ÀS AUTORIDADES CIVIS, 2.13-16

A lealdade dos cristãos a Jesus como Rei celestial os sujeitava à perseguição em virtude da falsa acusação de deslealdade aos governantes desse mundo. Embora os cristãos fossem “peregrinos e forasteiros” (v. 11), deveriam ser submissos aos poderes civis, que “instrumentalmente [...] são ordenados pelos homens; mas originariamente todo seu poder vem de **Deus**” (Wesley). Pedro sabe que os verdadeiros santos se tornam os melhores cidadãos. Sua submissão é **por amor do Senhor** (13). A cooperação com essas autoridades que promovem o bem-estar geral da humanidade recomenda o evangelho a todos os bons cidadãos; portanto, os cristãos devem evitar ser “conscientemente contenciosos” ao recusar-se a fazer o que não seria pecaminoso fazer.

Essa submissão estende-se a **toda ordenação humana**, “toda instituição ordenada pelo homem” (RSV, nota de rodapé), ou “toda autoridade humana” (Phillips). Selwyn traduz assim: “toda instituição social fundamental, i.e., o estado, a casa, a família” e lembra que, enquanto Paulo (cf. Rm 13.1-7) se refere à *origem* do estado, Pedro se refere às suas *funções*, ambas divinamente ordenadas.⁶² Essa submissão **ao rei, como superior**, significa a submissão ao imperador romano, que no tempo quando Pedro escreveu essa epístola muito provavelmente era Nero. **Aos governadores** (14) referia-se aos governantes subordinados à autoridade suprema. Sua obrigação era preservar o governo **para castigo dos malfetores** que negavam sua lealdade e se rebelavam contra a autoridade civil e **para louvor dos que fazem o bem**. Tendo advertido contra dar qualquer razão justa pelo castigo dos “malfetores” (v. 12), Pedro agora ressalta a obediência à autoridade civil. Essa é uma regra geral, mas há exceções em que “as ordenanças humanas conflitam com os ditames da consciência, iluminados pelo Espírito Santo”.⁶³ Nesses casos, o próprio Pedro é um exemplo do que deve ser feito (cf. At 4.19,20; 5.29).

A obediência que a verdadeira santidade mostra cumpre a **vontade de Deus** (15), que sempre envolve uma vida irrepreensível. Ao fazer **o bem, tapeis a boca à ignorân-**

cia dos homens loucos. Na terminologia moderna “fazer o bem” silencia os tagarelas difamadores que repetem acusações falsas contra os cristãos. Nessa conexão, Pedro adverte contra qualquer traço da heresia que ensina que, visto que somos livres em Cristo, podemos agir como bem entendermos (cf. 1 Pe 2.18,19; Jd 3-4). Embora os cristãos sejam **livres** de medos escravizantes e dedicados ao serviço de Deus, eles não devem usar sua **liberdade por cobertura** (16; desculpa) para fazer o mal, como a rebelião ou o comodismo. Em vez disso, sua liberdade em Cristo deveria provocar um serviço voluntário a Deus e aos seus representantes na Igreja e sociedade.

G. CUMPRINDO TODAS AS OBRIGAÇÕES ÉTICAS, 2.17

Em quatro ordens breves, Pedro menciona princípios que, se obedecidos, evitarão muitos problemas e satisfarão as obrigações éticas do homem. **Honrai a todos.** Isso significa que todos os homens receberão a estima que merecem por terem sido criados à imagem de Deus, redimidos pelo seu Filho e designados para um lugar específico em seu reino. Há diferentes circunstâncias de vida, mas o cristão confere a cada uma o respeito e o tratamento a que está obrigado. A obediência a essa ordem simples resultará em um “golpe mortal” em todos os conflitos raciais. **Amai a fraternidade.** Isso requer uma atitude especial em relação ao corpo de crentes, não somente como indivíduos mas como comunidade. Relações corretas com não cristãos requer a observância de regras de conduta apropriadas (cf. 1.15; 2.12); no entanto, dentro da Igreja, a vida é mais uma questão de atitudes e sentimentos corretos do que de regras. Esse tipo de amor somente é possível entre cristãos. **Temei a Deus.** Pedro começou com os homens em geral, depois passou para homens espirituais e deles para o próprio Deus. Deus deve ser tratado com tal reverência e humildade que o maior temor do homem será em desagradar a Deus. Esse temor redundará em um serviço leal e amoroso a Deus e à Igreja. **Acerca de Honrai o rei** veja comentários no versículo 13. O temor a Deus requer um respeito apropriado às autoridades civis que ele instituiu; no entanto, quando reivindicações por obediência conflitam, a reivindicação dEle suplanta a de qualquer autoridade humana.

H. PERSISTÊNCIA PACIENTE NO SOFRIMENTO IMERECIDO, 2.18-20

Essa exortação é uma ampliação da exortação do versículo 13. Pedro aceitou a escravidão como instituição e a organização da sociedade em estruturas nas casas e famílias que incluíam uma hierarquia de **servos** (18), que variava desde escravos até empregados. Alguns “senhores” eram bons e humanos, gentis e atenciosos; outros, no entanto, eram maus (tirânicos e injustos). Independentemente da disposição do senhor, o servo deveria ser obediente e submisso **com todo o temor** (respeito). O versículo 19 deixa claro que os servos cristãos deveriam ser motivados pelo desejo de serem fiéis às exigências de Deus e leais aos seus superiores, em vez de serem motivados pelo medo do castigo.

Isto é uma manifestação da graça em vez de um “heroísmo natural ou orgulho filosófico” (Williams) quando **alguém, por causa da consciência para com Deus, sofre agravos**, a fim de manter o sentimento da presença e bênção de Deus. Esse é um eco do

Sermão do Monte (cf. Mt 5.10). Mas não há glória se os sofrimentos, independentemente da sua severidade ou de quão pacientemente sejam suportados, são uma consequência das faltas do servo. Pedro está dizendo que se depois de termos feito aquilo que é bom e amável formos **afligidos** injustamente, **isso é agradável a Deus** (20) ou “encontraremos o favor de Deus” (NASB). Aquilo que acontece a uma pessoa não é menos importante do que a sua reação, porque a reação revela o seu verdadeiro caráter.

I. “A IMITAÇÃO DE CRISTO”, 2.21-25

Os cristãos são chamados para seguir a Cristo, para ser santos (1.15,16) e, se necessário, padecer injustamente (v. 19). Eles devem ir aonde Ele vai e seguir o seu exemplo, quer seja para o glorioso monte da Transfiguração ou para os tristes Getsêmani e Calvário. Os apóstolos nunca prometeram que seguir a Cristo nos isentaria do sofrimento, mesmo do sofrimento injusto (cf. At 14.22; 1 Ts 3.3,4), **pois também Cristo padeceu por nós** (21). Visto que Ele sofreu em nosso lugar para nos redimir, um coração grato nos deveria constranger a sofrer por Ele. Seguir a Cristo envolve levar a cruz (cf. Mc 8.34) e tribulação (cf. Jo 16.33), no que Ele é nosso **exemplo**. No versículo 21, temos uma metáfora dupla: um **exemplo**, i.e., uma cópia escrita definida pelo senhor para ser cuidadosamente observada pelos seguidores; e um caminhar a ser imitado: **para que sigais as suas pisadas** (pegadas). As idéias envolvem uma completa identificação com a inocência pessoal do nosso Senhor, submissão paciente e uma mansidão humilde.

Nosso Senhor sofredor **não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano** (22). Ele estava acima de qualquer repreensão em ato e palavra. **Quando o injuriavam** (23; insultado ou blasfemado), Ele nunca ameaçou vingar-se. **Quando padecia** a vergonha infame na sua prisão e crucificação, **não ameaçava, mas entregava-se** (“sua causa”, ASV) **àquele que julga justamente**. Sua submissão, que foi voluntária, não só cumpriu a vontade de Deus, mas proveu aos seus seguidores um princípio e um exemplo. Ele cria que Deus o vindicaria e recompensaria a inocência.

Matthew Henry sugere que o versículo 24 foi acrescentado a fim de que não se conclua dos versículos 21-23 que a morte de Cristo foi planejada somente para servir de exemplo de paciência debaixo de sofrimento. Na verdade, existe um intento e um efeito muito mais abrangente para o exemplo de Cristo. **Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro** (24) claramente declara a natureza substitutiva da sua morte. *Nós* merecíamos sofrer as consequências dos nossos pecados: dor, morte, humilhação — todo o castigo que o pecado requer — mas *Ele* fez isso por nós **em seu corpo** como um ato da Encarnação (cf. Lv 5.1, 17; Hb 10.5-10).

Pedro, em certa ocasião, havia censurado Jesus, quando este predisse a sua morte (cf. Mt 16.21-23). Mas, agora ele sabe que toda esperança de vida eterna e salvação reside no sofrimento e morte do nosso Senhor. Paulo descreve como podemos ser completamente libertos da culpa e poder do pecado (cf. Rm 6). Pedro descreve o propósito: **para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça**. A expressão **pelas suas feridas fostes sarados** indica a humilhação e extremo sofrimento de Cristo (cf. Is 53), por meio das quais o homem é salvo. Stibbs⁶⁴ cita Theodoret e diz que “este é um método novo e estranho de cura; o médico pagou o preço e os doentes receberam a cura”.

O passado triste desses cristãos é revelado como **ovelhas** que se desviam (v. 25) da verdade, da santidade e da felicidade; dessa forma, eles estavam perdidos, desprotegidos, expostos aos perigos. Sua vida “carecia de um guia, guardião e alvo”;⁶⁵ conseqüentemente, eles estavam se afastando cada vez mais. **Mas, agora, tendes voltado** por meio da influência da graça divina, para encontrar Cristo como um Médico para curá-los, um **Pastor** para orientá-los e alimentá-los e um **Bispo** (Guardião vigilante) para cuidar da **alma** deles.⁶⁶ Assim, por intermédio dos sofrimentos, Cristo se torna um Exemplo perfeito para todos os santos sofredores de todas as épocas. Seus sofrimentos foram suportados sem pecado, com paciência, como o Substituto do homem.

J. RETIDÃO NO RELACIONAMENTO MATRIMONIAL, 3.1-7

Pedro mostrou que a graça divina é suficiente para salvar, para santificar e para sustentar durante o sofrimento. Agora ele mostra que ela é suficiente para os relacionamentos sociais. Continuando a idéia da sujeição (cf. 2.13,18), Pedro passa para o relacionamento entre **mulheres** e maridos (1), não mulheres e homens em geral. Os cidadãos devem submeter-se à autoridade civil, os servos aos seus senhores e as esposas cristãs devem ser obedientes e leais aos seus próprios maridos, mesmo que o marido **não** obedeça à **palavra**, i.e., não seja cristão. Essa ordem não implica na inferioridade pessoal da esposa nem a obriga a participar de qualquer coisa que viole a sua consciência iluminada pelo Espírito ou a dignidade dos seus direitos humanos.

O casamento é uma instituição divina e a incompatibilidade de religião não justifica a dissolução do casamento (cf. 1 Co 7.10-14). A subordinação da esposa ao marido foi ordenada por Deus (cf. Gn 2.7, 21,22) e ela deve ser mantida em amor pela mulher como auxiliadora do homem. Por outro lado, a função de liderança do marido deve ser desenvolvida de maneira amável. “Na sua submissão, Eva não foi teimosa e impaciente, e em sua superioridade, Adão não foi exigente [...] O cristianismo restaura o marido e a esposa ao relacionamento correto. ‘A autoridade, exercida de maneira amável, e a subordinação, reconhecida, promovem o desenvolvimento da afeição e da amizade’”.⁶⁷

O alvo nobre é que o marido descrente, **pelo procedimento** (conduta) **de sua mulher** [...] **seja ganho sem palavra, considerando a vida casta dela, em temor** (2). A esposa, por meio de um temor santo, procura agir de tal forma a não criar nenhum obstáculo para a conversão do seu marido. Isso leva a uma “graça delicada e receosa, com temor do menor ar ou sombra de qualquer coisa que tem uma aparência de erro no procedimento ou palavra ou vestuário”.⁶⁸ “A linguagem eloqüente da conduta pura e do comportamento respeitoso [...] essa persuasão silenciosa de um comportamento apropriado” desafia o marido a considerar aquilo que faz a diferença. O sermão dela sem palavras o convencerá de que “Jesus deve ser o Messias, visto que sua esposa não podia ser tão pura e virtuosa!”.⁶⁹ **Sem palavra** (1) tem sido interpretado da seguinte forma: “seja ganho, sem argumento [‘sem uma palavra’, RSV], pela conduta da sua esposa” (Berk.).

“A Questão do Vestuário” é tratada por um princípio que muitas vezes é despercebido: A verdadeira beleza não vem do **enfeite** [...] **exterior** como o **frisado dos cabelos** (3) e o **uso de jóias de ouro, na compostura de vestes** para a gratificação do orgulho e vaidade; mas é a atração do caráter cristão, que é **incorruptível** (4). Uma

“herança incorruptível” (1.4) deve ser equiparada com um caráter incorruptível, que revela **um espírito manso e quieto**. “Um espírito manso não dá problema a ninguém; um espírito quieto suporta todas as injustiças sem ficar aflito” (Wesley). Um outro comentarista descreve esse aspecto como “o espírito que não preocupa outras pessoas, nem permite ser preocupado”.⁷⁰ Alguém adornado dessa maneira nunca está “fora de moda” aos olhos de Deus.

Algumas pessoas sempre têm a tendência de ser extremistas em relação ao vestuário.⁷¹ A tendência hoje é pecar ao colocar pouca roupa. A santidade de coração é o remédio para o amor do enfeite exterior. O desdém extremo pela aparência pessoal que algumas pessoas demonstram não é uma marca de piedade superior. Mulheres santas procuram sempre ser irrepreensíveis no comportamento, quanto à sua atitude no vestir e no respeito e reverência em relação aos seus maridos, **como Sara** (6), cujas **filhas** espirituais devem seguir o exemplo dela. Independentemente das proibições detalhadas que alguns vêem nesses versículos, quatro princípios devem governar a roupa do cristão: 1) Ela deve ser de *bom gosto*, não desleixada. 2) A roupa deve ser *simples*, não berrante ou pomposa. 3) Ela deve ser *modesta*, vestindo a pessoa de modo decente. 4) Ela deve ser *econômica* e coerente com a mordomia cristã. A última parte do versículo 6 tem sido traduzida da seguinte maneira: “Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (NVI).

Os **maridos** (7) também têm o dever de viver com suas esposas **com entendimento** (“compreensão”, Berk.; “discernimento”, ARA) como iguais. Suas obrigações são iguais, porque eles são **os seus co-herdeiros da graça da vida**. Como **vaso mais fraco** fisicamente, a esposa deve receber um tratamento respeitoso por parte do marido a quem é subordinada. A desarmonia doméstica que nasce de discordâncias e sentimentos negativos deve ser evitada, para que as **orações** deles **não sejam impedidas**. A santidade produz atitudes certas e ações apropriadas entre maridos e esposas (cf. 1 Ts 4.3-7).

K. O CUMPRIMENTO DE OBRIGAÇÕES SOCIAIS, 3.8-14

Cinco exortações são dadas em uma linguagem simples e sucinta acerca da vida harmoniosa na comunidade cristã. Todos devem ser **de um mesmo sentimento** (8), unidos em princípios e ser **compassivos, amando os irmãos**, i.e., ser solidários. Visto que todos pertencem à mesma família, eles devem amar **os irmãos**, sendo **entranhavelmente misericordiosos** (compassivos) para com os aflitos e **afáveis** (mostrando respeito e amor) com os seus iguais e inferiores. A obediência a essas ordens previne o espírito de retaliação, ou seja, “não pagando mal por mal” (ARA). Tendo sido **chamados** para alcançar **a bênção** como **herança** (9), eles estão cientes que insultos e abusos não podem atingi-los. Eles podem sentir a dor, mas ao se negarem a retaliar e ao abençoarem seus detratores, eles não só imitam a Deus, mas demonstram preocupação pela salvação dos seus perseguidores.

Os versículos 10-12 são citados do Salmo 34.12-16 da LXX. Aquele que quer ter “uma vida agradável e proveitosa” (Wesley) deve refrear **a sua língua do mal** (10), não somente o falar caluniador, mas também palavras tempestuosas e provocativas. Diante da provocação de outros ele se apartará (evitará) **do mal** (11) ou das disposições e ações maldosas deles. Ele tomou Cristo como seu Modelo e está resoluto a buscar **a paz** e

seguí-la com todos (cf. Rm 12.18; Hb 12.14), mesmo quando parece que os outros desejam a contenda em vez de paz. Visto que a atenção dos crentes está focada na vontade de Deus para suas vidas, ele está seguro que **os olhos do Senhor estão sobre os justos** (12). Deus não é “insensível às necessidades do seu povo nem indiferente aos pecados daqueles que fazem o mal”.⁷²

Aqueles que vivem de acordo com os princípios de Cristo podem confiar na proteção de Deus (cf. Rm 8.23-39). A experiência mostra que homens perversos e violentos perseguem aqueles que amam o bem, mas os cristãos não devem superestimar seu perigo (cf. Lc 12.4) “e no seu pavor esquecer que [há] uma Providência protetora”.⁷³ Pedro está muito ansioso com o fato de cristãos perseguidos não serem apanhados no pecado em virtude de provocação e sofrimento imerecido nas mãos dos seus inimigos e, dessa forma, serem privados da proteção divina. Se o nosso sofrimento é **por amor da justiça** (14), ela resultará em felicidade (cf. 2.19; Mt 10.12).

L. UM TESTEMUNHO COERENTE, 3.15-17

O segredo da coragem e sucesso em enfrentar oposição é santificar **a Cristo, como Senhor, no coração** (15). Isso significa entronizar Cristo no coração como o Senhor supremo, que apesar de inocente sofreu pelos culpados e tem a preeminência em todas as coisas (Cl 1.18); reconhecê-lo como santo; confiar plenamente nas suas sábias providências com toda a sinceridade; e amá-lo com um amor inspirado por uma teologia correta que cobre a sua morte “com significado expiatório”.⁷⁴

Sempre devemos estar **preparados** para enfrentar a zombaria dos críticos e a investigação honesta daqueles que buscam a verdade. Pedro pode ter se lembrado daquela noite amarga em que negou a Cristo. A resposta **a qualquer que [...] pedir a razão da esperança** envolve um relato racional das verdades básicas do cristianismo e uma refutação convincente de acusações falsas. Esse tipo de resposta requer **mansidão e temor e uma boa consciência** (16). Para ser eficiente, o testemunho deve estar baseado numa vida piedosa; deve ser apresentado com firmeza, livre de qualquer traço de rebeldia ou desrespeito para com os inquiridores, e deve vir de um coração que está consciente da presença divina. Nos dias de Pedro, quando os cristãos eram vistos como malfetores e acusados de posições religiosas heréticas e maus costumes, sua melhor defesa não era uma argumentação veemente mas um **bom procedimento** (conduta) **em Cristo**, o testemunho silencioso de uma vida santa centrada no Senhor Jesus.

Se a vontade de Deus é que padeçam (17), isso indica que seja a sua vontade que sofram. Isso pode ser verdade em relação àqueles cujas vidas são santas, cuja defesa é lógica e completa e cuja inocência tem sido vindicada. Mas mesmo assim, **melhor** é sofrer por fazer boas obras do que provocar um mau tratamento em decorrência de uma má conduta e atitude reprovável. A forma mais elevada de sofrimento não é aquela que merecemos, mas aquela que vem por fazermos o bem. Um comentarista acredita que o versículo 17 não é um mero clichê ou axioma da ética cristã, mas “uma profunda advertência, devido a uma necessidade urgente [...] de não receber a ‘honra’ do martírio por meio de uma oposição teimosa ao poder do estado”.⁷⁵

SEÇÃO VII

SANTIDADE TRIUNFANTE

1 Pedro 3.18-22

A. O SOFRIMENTO NÃO IMPEDE O PROPÓSITO DE DEUS, 3.18

Nessa passagem Jesus Cristo é apresentado como “o exemplo supremo de alguém que sofre por fazer o bem”. Ele **padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus** (18). Seus sofrimentos eram voluntários e vicários, porque Ele “realizou a expiação ao sofrer *em lugar* daqueles por quem ele se ofereceu como sacrifício [...] um justo para um mundo de injustos”.⁷⁶

A idéia central é o sofrimento imerecido. Mas se o sofrimento leva à morte, sabemos que ela não é o fim. Cristo foi **mortificado** [...] **na carne** (“como homem”, Wesley), **mas vivificado** (ressuscitado dos mortos) **pelo Espírito**, ou seja, ressuscitado para a vida, tanto pelo “seu próprio poder divino como pelo poder do Espírito Santo”.⁷⁷ A referência à morte e ressurreição de Cristo traça um contraste entre o que Bennett descreve como “a natureza limitada e subordinada do sofrimento e a infinita glória e poder de Cristo em sua exaltação. Sua morte ocorreu por causas naturais [...] mas sua ressurreição foi sobrenatural [...] ela estava conectada à dotação espiritual singular de Cristo [...] que Lhe permitiu levar a Deus aqueles que criam nele (cf. 1.3)”.⁷⁸

B. UM INTERLÚDIO: A DESCIDA DE CRISTO ATÉ O HADES, 3.19,20

Os versículos 19-20 formam um interlúdio entre o versículo 18 e 21 e constituem o que geralmente é entendido como uma das passagens mais difíceis do NT. Ela tem

se tornado a base para doutrinas não-bíblicas como o sofrimento no purgatório e a salvação póstuma.

Um estudo cuidadoso da volumosa literatura acerca dessa passagem revela que cada comentarista tem sua própria solução e a interpreta de acordo com suas preferências teológicas. Algumas das interpretações são as seguintes:

1. Cristo, em seu estado pré-encarnado, pregou aos espíritos agora em prisão. Isso foi feito pelo Espírito Santo na pregação de Noé, mas somente Noé e sua família creram e foram salvos.

2. Ele pregou às vítimas do dilúvio que se voltaram para Deus antes de morrerem nas majestosas águas da inundação universal.

3. Ele foi em espírito até o reino onde somente os espíritos podiam ir e proclamou a retidão do seu julgamento porque não creram na pregação de Noé.

4. Ele foi no poder do Espírito e proclamou-se Vitorioso, e levou os santos do AT (“presos de esperança”, Zc 9.12) ao alto (cf. Ef 4.8-10), separando assim a seção do paraíso do Hades da seção dos espíritos maus.

5. Na forma incorpórea da sua existência, que ele assumiu logo após a sua morte, Ele foi proclamar a vitória sobre os anjos caídos destruidores cujo poder sedutor poluiu o mundo antediluviano e causou o dilúvio (6.1-8). Sua proclamação de vitória sobre todo o mal era uma má notícia para os espíritos maus.

6. Ele foi em espírito, não na forma corpórea, entre sua crucificação e ressurreição, e proclamou a mensagem do evangelho, para libertar aqueles que foram desobedientes, mas creram nele e na sua pregação após a morte deles.

Essas interpretações diferem em quatro pontos principais apresentados em forma de esboço aqui. Um estudo mais aprofundado desse assunto pode ser encontrado nas referências dadas abaixo ou em outros comentários e livros teológicos. Essas diferenças dizem respeito: 1) ao *tempo* em que essa pregação pode ter ocorrido; 2) ao *assunto* dessa pregação; 3) às *pessoas* a quem foi pregado e 4) ao *resultado* dessa pregação. Após um estudo dos materiais de referência, o Dr. Paul S. Rees conclui que “não é possível encontrar um consenso quanto à interpretação desse texto”.⁷⁹

Podemos estar certos do seguinte: “Essa passagem não oferece nenhuma esperança para o impenitente. Ela exclui a noção de que aqueles que durante sua vida terrena rejeitaram o evangelho da graça de Deus terão uma segunda chance no ‘outro mundo’ e serão salvos no final”.⁸⁰

O plano e propósito de Deus prevaleceram nos dias de Noé quando oito almas foram salvas “no dilúvio” (Phillips) ou “foram salvas por meio da água” (NEB). Quer muitas ou poucas pessoas creiam em nosso testemunho, e mesmo que *nós* sejamos perseguidos por causa da justiça, este princípio divino se sobressai: No seu devido tempo, Deus livrará o justo e castigará o ímpio. A desobediência do mundo antediluviano levou à condenação, mas a fé e obediência de Noé resultaram na salvação dele e de sua família.

A morte e ressurreição de Cristo sugerem que para aqueles que perdem a sua vida por causa dele, a morte é a entrada para uma esfera mais ampla de atividade, porque depois de voltar à vida, **Ele foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais em outro tempo foram rebeldes [...] nos dias de Noé (19,20).** Qualquer que seja o significado completo desses versículos, a descida de Cristo ao Hades foi “o primeiro estágio da sua exaltação”.⁸¹

C. DO SOFRIMENTO ATÉ A GLÓRIA, 3.21,22

O versículo 21 pode ser traduzido da seguinte forma: “E isso é representado pelo batismo que agora salva vocês — não a remoção da sujeira da carne, mas uma petição a Deus por uma boa consciência — por meio da ressurreição de Jesus Cristo” (NASB).

A ressurreição de Jesus Cristo; o qual está à destra de Deus, tendo subido ao céu marca a transição do sofrimento para a glória. Os crentes têm de sofrer (v. 17), mas se eles mantêm uma boa consciência para com Deus ao viver uma vida separada, como prometeram no seu batismo, eles têm a garantia de Deus e a prova das suas obras passadas para lhes assegurar que a sua esperança é bem fundamentada. **A destra de Deus** é o lugar mais elevado de honra celestial. Este é o lugar que pertence a Cristo, cuja morte redimiu o homem (cf. v. 18). Em sua exaltação gloriosa sua supremacia é reconhecida pelos **anjos, e as autoridades, e as potências** — “todas as ordens tanto de anjos como de homens” (Wesley). A inferência de Pedro aqui e em 5.1 é que aqueles que conservam a firmeza da fé apesar dos sofrimentos experimentados por amor a Cristo (cf. 4.13) compartilharão dos triunfos e das glórias com os quais Cristo foi coroado por ter sofrido até a morte e permanecido fiel (cf. Jo 17.24; Fl 2.5-11; Ap 3.21). Portanto, nenhum santo sofredor deveria ter medo do seu futuro. Todo sofrimento por causa da justiça será seguido de uma glória indescritível.

SEÇÃO VIII

SANTIDADE SUPERIOR

1 Pedro 4.1-19

A. DEDICAÇÃO À VONTADE DE DEUS, 4.1-2

Pedro ressalta de várias maneiras a preparação para o sofrimento (cf. especialmente 3.13-17), o qual é inescapável. Cristo é nosso Exemplo quanto ao *sofrimento imerecido* (cf. 3.18-22). Aqui nos versículos 1-6 a separação do pecado é citada como uma das causas da perseguição. Visto que **Cristo padeceu por nós na carne** (1), os cristãos devem armar-se “do mesmo pensamento” (NVI) para sofrer pacientemente qualquer que seja a vontade de Deus. Isso não somente significa identificação com Cristo em espírito e propósito, mas em aborrecer o pecado. Pedro aqui usa a frase **padeceu por nós na carne** para indicar a morte do nosso Senhor. Em um modo paralelo, ele usa a frase **aquele que padeceu na carne** para referir-se à nossa morte para o pecado (cf. Rm 6.2-4). Mas ele não quer dizer que esse tipo de sofrimento salva o homem. Identificação com a morte do nosso Senhor significa que o cristão **já cessou do pecado**. Ele está no mundo, mas não é do mundo. Ele está no corpo, mas, tendo quebrado toda ligação com o pecado, já não mais molda sua vida **segundo as concupiscências dos homens** (2), que são incitadas pela natureza depravada. Em vez de conformar-se com os padrões morais da antiga vida, sua vida agora tem uma nova orientação: **a vontade de Deus**. Essa vida também tem uma nova dinâmica: o poder do Espírito Santo (cf. Rm 6.1-13; 8.1-3).

B. INCOMPREENSÃO SUPERADA, 4.3-6

A vida de santidade que é uma identificação completa com “a vontade de Deus” (v. 2) é colocada em forte contraste com **a vontade dos gentios** (3) ou a moralidade ambígua que caracterizava suas vidas **no tempo passado**. Já foi gasto tempo demais com formas de impurezas repulsivas, paixões detestáveis, desejos maus, bebedeiras, condutas indecentes e **abomináveis idolatrias**, que não só eram impróprios para cristãos, mas “violavam o sentido de decência comum”.⁸²

Com respeito a todo e qualquer pecado, existe apenas uma rota aberta para os cristãos: a separação — não isolamento, mas separação no espírito e na prática. Quando os cristãos adotam os costumes do mundo, absorvem o espírito do mundo. Quando repudiam seus costumes, devem estar preparados para receber a oposição do mundo. O grau de divergência da má compreensão e de maus tratos dos cristãos muitas vezes indica a eficiência da sua separação e testemunho. Aqueles que “não correm” (v. 4) com seus antigos companheiros, recusando-se a participar do **desenfreamento de dissolução** deles, serão tratados com desprezo; mas isso não deve fazê-los voltar à velha vida. Não há apenas um passado do qual foram salvos, mas uma “herança [...] guardada” para eles (cf. 1.4) se permanecerem fiéis. No entanto, antes que recebam essa herança, precisam — **os vivos e os mortos** (5), crentes e descrentes — **dar conta ao que está preparado [...] para julgar**. Ele vindicará o justo que sofre injustamente, mas punirá o injusto. O fato da prestação de contas ao Juiz santo é um incentivo à santidade de coração e vida.

A pregação do **evangelho** [...] **aos mortos** (6) tem (como em 3.18-22) ocasionado uma controvérsia sem fim, mas os comentários de Whedon são claros e eles interpretam esse versículo à luz do ensino claro de toda a Bíblia. “O significado evidente é que o evangelho foi pregado para homens em vida, mas que agora estão mortos; da mesma maneira que seria perfeitamente correto dizer que o evangelho foi pregado aos santos na glória ou às almas que estão na perdição; significando que foi pregado a eles quando estavam aqui na terra. O tempo *aoristo* mostra a sua descontinuação”.⁸³

C. SOBRIEDADE E VIGILÂNCIA, 4.7

Antes, nessa epístola, Pedro referiu-se ao “último tempo” (1.7) e à “revelação de Jesus Cristo” (1.13). Ele entendia que o término da dispensação **está próximo**. Acreditava-se que a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos e o julgamento estavam muito próximos. Esse quadro servia como um incentivo poderoso para o viver santo e o encorajamento dos crentes em suas aflições. A brevidade do tempo requeria disciplina, autocontrole, “julgamento sadio e espírito sóbrio para o propósito de oração” (NASB). “Uma empolgação irracional e desassossegada torna a verdadeira oração impossível”.⁸⁴

Pedro pode ter escrito essas palavras como uma recordação triste da ocasião quando “o medo, a curiosidade ociosa, a empolgação impaciente e a negligência do dever” o causaram a fracassar na vigília e oração, e ele acabou negando o seu Senhor. No entanto, independentemente da demora da volta do nosso Senhor, os cristão devem estar prontos e estar alerta para os embustes e enganamentos do Diabo, que procura obter vantagem sobre eles (cf. 2 Co 2.11; 11.14,15; Ef 6.11).

D. CARIDADE PARA COM OS OFENSORES, 4.8

A santidade é prática e se manifesta em relacionamentos sociais adequados. O aspecto mais importante no mundo é o amor (1 Co 13). Se há amor puro para com Deus, haverá **ardente caridade uns para com os outros**. Esse (cf. 1.22) é um amor envolvente que dá aos outros em vez de ser egoísta. Esse amor é uma questão de primeira importância e requer cultivo. Onde prevalece o amor, todos os outros deveres serão realizados. E se houver uma **multidão de pecados**, a caridade os **cobrirá**, como um manto. O motivo de “cobrir” não é ocultar a ofensa ou negar sua realidade, mas perdoá-la e, dessa forma, extinguir a discórdia e reprimir mais pecado. Os leitores deveriam manter seu amor mútuo “plenamente ativo, porque o amor revoga inúmeros pecados” (NEB) e é a essência de uma vida pura e boa.

E. DEMONSTRANDO HOSPITALIDADE, 4.9,10

Onde houver um viver vigilante haverá um viver digno. Isso significa que cada um deve usar aquilo que possui, embora seja modesto e escasso, para suprir as necessidades dos companheiros cristãos. Nos dias de Pedro isso podia ter significado aqueles que haviam sido forçados a sair de suas casas pela perseguição ou estavam fazendo uma longa jornada. Os cristãos devem ser **hospitais** [...] **sem murmurações**, mesmo que isso signifique um peso adicional para eles. Reclamar do preço rouba as bênçãos de compartilhar com nossos irmãos.

O motivo por trás dessa generosidade é o amor: amor ao irmão necessitado e amor ao Pai celestial, de quem recebemos toda boa dádiva (cf. 1 Co 4.7). Nossos dons e talentos não são para uso próprio. Eles são uma responsabilidade de Deus para serem usados como Ele intenta, **como bons despenseiros** (10) devem usá-los: para abençoar outros. Esse serviço é um *ministério*, quer seja de talentos, dinheiro, influência ou outras bênçãos que Deus concedeu de maneira tão abundante; e todos receberam dons que podem ser compartilhados (cf. Rm 12 e 1 Co 12).

F. A GLÓRIA DE DEUS EM TODAS AS COISAS, 4.11

Para ilustrar o significado em ministrar nossa mordomia (v. 10), Pedro especifica dois itens: 1) Falar publicamente do Senhor ao proclamar a sua Palavra, e 2) servir os outros com os nossos recursos pessoais. **Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus** significa que devemos declarar as doutrinas de Deus da forma como são comunicadas a nós pelo Espírito de Deus, de acordo com a Palavra de Deus. Devemos ensinar todo o corpo acerca da verdade divina conforme está revelada nas Escrituras. Devemos depender de Deus e falar com sobriedade e autoridade. “Aquele que não ordena santidade prática aos crentes, não fala como o oráculo de Deus” (Wesley).

Se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá. Qualquer que seja o serviço, ele deve ser realizado lembrando que tudo que temos vem de Deus. É a bondade de Deus que supre a sabedoria da mente, a força do corpo e os recursos materiais.

Sempre que um homem consagra-se a si mesmo e tudo que é seu, **Deus será glorificado por Jesus Cristo**, o Mediador por meio de quem Deus ministra a habilidade. Visto que a finalidade principal do homem é glorificar a Deus, a realização fiel do seu dever redundará na glória de Deus, **a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém!** Alguns entendem que **a quem** se refere a Deus e outros acreditam referir-se a Cristo. Já que Cristo é um com o Pai (cf. Jo 10.31) e recebe adoração semelhante em Apocalipse 1.6, essa doxologia está perfeitamente em ordem se for atribuída a Cristo.

G. PARTICIPANDO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 4.12-16

Novamente Pedro retorna a um tema dominante: o sofrimento dos cristãos. Como seguidores de Cristo, eles esperam compartilhar da sua glória; conseqüentemente, eles também deveriam esperar compartilhar dos seus sofrimentos. Eles não deveriam “estranyar” ou surpreender-se com **a ardente prova** (12). Esse não é um acontecimento fortuito. Também não é Satanás simplesmente tentando persuadi-los de que se eles possuam um relacionamento especial com Deus (cf. 1.2-4; 2.9-10), esses sofrimentos não iriam ocorrer. Sua “provação pelo fogo” tem um propósito divino, embora no momento eles tenham dificuldade em entendê-lo. Pedro tinha se referido anteriormente ao teste de fogo da sua fé que redundava em glória (cf. 1.7). Como **participantes das aflições de Cristo** (13), eles devem regozijar-se, não pelo fato do seu sofrimento, mas porque o experimentam como representantes de Cristo. O sofrimento imediato veio porque os cristãos chamaram Jesus de Filho de Deus e o adoravam como o Soberano supremo em vez de adorar o imperador. O grau do seu regozijo deveria ser aumentado pela intensidade das perseguições que suportavam. A alegria que eles agora experimentam apesar dos seus sofrimentos dará lugar a uma grande alegria, **na revelação da sua glória**, i.e., quando verão a Cristo e o seu reino será supremo. Nesse tempo esses sofrendores deverão saltar de alegria, em exultação triunfante.

Pedro estava preocupado com os insultos e as perseguições que eles experimentavam **pelo nome de Cristo** (14) e por causa de uma vida coerente com seus ensinamentos. *Repreensão e glória* são colocadas em contraste. O tratamento desdenhoso inflige sofrimento maior na alma mais sensível do que o abuso físico ou a destruição de sua propriedade. Por isso temos aqui a alusão à promessa de Cristo de bênçãos por sofrer por sua causa (cf. Mt 5.11). **O Espírito da glória de Deus** dá coragem para enfrentar o sofrimento sem retroceder.⁸⁵ O Espírito de Deus garante aos cristãos sofrendores que eles participarão da glória aperfeiçoada na vinda de Cristo. O significado dos versículos 15-16 é a seguinte: Que ninguém desonre a Cristo sofrendo um castigo justo por crimes contra os homens; ninguém é abençoado se está sofrendo em decorrência das suas próprias faltas. Em vez disso, que o homem se glorie por causa do castigo infligido por ser cristão.⁸⁶

A advertência de sofrer como **homicida [...] ladrão [...] malfeitor, ou como o que se entremete em negócios alheios** (15) não deveria nos chocar se lembramos do estado geral da sociedade daquela época. A vida de alguns desses crentes pode ter sido tão má como as pessoas de Corinto que Paulo descreveu (cf. 1 Co 6.9-11). Havia exemplos em que criminosos, para ocultar sua natureza e a verdadeira causa do seu castigo, professavam ser cristãos, e davam a impressão que estavam sendo castigados por serem cristãos.

Aquele **que se entremete em negócios alheios** é a pessoa que “se desvia do seu chamado e se torna juiz dos outros” (Wesley). Os inimigos acusavam os cristãos de serem hostis à sociedade civilizada, sendo acusados de tentar forçar os não cristãos a agir de acordo com os padrões cristãos. Isso criaria um tumulto civil que poderia resultar em violência do povo (cf. At 19.21-41).

Aquele que **se padece como cristão, não se envergonhe; antes, glorifique a Deus** (16). A essa altura, o termo **cristão** tinha se tornado o nome pelo qual os pagãos sarcasticamente descreviam os seguidores de Cristo (cf. At 11.26; 26.28). Os judeus que rejeitaram Jesus como o Cristo não chamavam seus seguidores de cristãos. Renan, citado em Ellicott, disse: “Pessoas bem educadas evitavam pronunciar esse nome, ou, quando forçadas a fazê-lo, pediam desculpas”.⁸⁷ Evidentemente, os próprios cristãos ainda não usavam esse nome, mas o consideravam como um símbolo da mais alta honra quando seus inimigos os chamavam assim. O que Pedro exortou que fizessem (v. 16) ele mesmo havia praticado (cf. At 5.29-42, especialmente o v. 41).

H. SEM MEDO DO EXAME DE DEUS, 4.17-19

Nas provações e tristezas atuais, Pedro reconheceu o início de um período prolongado de **juízo** (17). A justiça requer julgamento, e Deus apontou o justo Juiz (cf. At 17.31) que conhece exatamente as intenções de cada pessoa bem como suas ações. Ele é a esperança do crente (cf. 1.3. 21). Os crentes mantêm um relacionamento precioso com Cristo e Ele com esses crentes (cf. 1.18-21; 2.7). O modelo que Deus parece seguir em disciplina e julgamento inicia com seu próprio povo (cf. Is 10.12,13; Jr 25.29; 49.12; Ez 9.6), para revelar quem passa pelo teste. A “prova de fogo” pela qual os cristãos estavam passando pode parecer terrível, mas servia para purificá-los e capacitá-los a glorificar a Deus.

Se os crentes verdadeiros achavam difícil suportar as provações, eles deveriam lembrar-se que o destino **daqueles que são desobedientes a Deus** excede em muito o pior que os cristãos são chamados a suportar, ou podem imaginar. A perspectiva deles é sem esperança. E para que nenhum leitor seja tentado a buscar alívio da perseguição ao renunciar à fé cristã, Pedro os lembra que algo muito pior aguarda os desobedientes, quer sejam perseguidores pagãos, quer cristãos infiéis.⁸⁸ Se o Juiz justo não omite as faltas dos seus seguidores submissos, mas os disciplina para purificá-los e prepará-los para a glória (cf. Hb 12.5-10), quão horrendo deve ser sua ira para com os rebeldes! A pergunta de Pedro a respeito do **ímpio** e do **pecador** (18) definitivamente desconsidera a afirmação de alguns de que ele permite a possibilidade de uma salvação póstuma em 3.18-22 e 4.6.

Quando o sofrimento é o instrumento da disciplina divina e quando não é decorrente de má ação pessoal, ele é **segundo a vontade de Deus** (19) e deveria ser aceito com o espírito certo. Esses sofredores recebem o seguinte dever: “Continuem a fazer o que é direito e entreguem-se aos cuidados do Deus que criou vocês, pois Ele nunca faltará” (Bíblia Viva).⁸⁹ Visto que Deus criou a alma e deu-lhe nova vida em Cristo, Ele será fiel para cumprir a sua promessa para proteger a sua possessão. A santidade liberta o crente do medo do exame de Deus quanto ao caráter e conduta.

SEÇÃO IX

SANTIDADE EM AÇÃO

1 Pedro 5.1-9

A. RELACIONAMENTOS OFICIAIS NA IGREJA, 5.1-4

Os **presbíteros** (1) eram obreiros maduros da igreja que agiam como supervisores; eles tinham deveres administrativos e pastorais definidos. O contraste com os “jovens” (v. 5) indica uma forma simples de governo da igreja nos tempos de Pedro. Uma administração sábia das obrigações da igreja é vital para a pureza e preservação da Igreja, e mais ainda quando as perseguições impõem responsabilidades peculiares para os líderes. **Sou também presbítero.** Pedro pode ter considerado seu apostolado um tipo de responsabilidade de ancião em termos mais amplos ou ele pode ter servido como ancião (presbítero) na igreja da região onde morava. Com humildade ele refere-se ao seu apostolado, como **testemunha das aflições de Cristo**. Ele tinha muito a dizer acerca das aflições do seu Senhor. A descrição do seu ofício é a descrição que se espera de uma pessoa santa. Não há auto-exaltação nem depreciação, nem qualquer alusão a primazia, como alguns têm alegado em relação a Pedro.

Ele também era um **participante da glória que se há de revelar** quando Cristo retornar à terra. Pedro esteve no monte da Transfiguração e lá viu a glória do nosso Senhor. Ele observou as provas gloriosas e infalíveis da sua ressurreição e ouviu a promessa do anjo de que Cristo voltaria. Ele havia recebido uma comissão especial que estava disposto a cumprir (cf. Lc 22.32; Jo 21.15-17); essa epístola é prova disso.

A responsabilidade pastoral desses presbíteros é descrita assim: **apascentai o rebanho de Deus** (2). A palavra “pastorear” explica melhor o significado do original

do que **apascentai**. O dever do pastor é triplo: providenciar pasto, caminhos para o pasto e proteção nos caminhos para o pasto. Portanto, o dever do pastor vai além da pregação. O **rebanho** é a Igreja. Ela pertence a Deus como sua possessão comprada. Em certa época seus membros eram como ovelhas desgarradas, mas elas voltaram ao “Pastor e Bispo” da sua alma (cf. 2.25). O pastor deve instruir e guiar o rebanho em obediência e sujeição à completa vontade de Deus. O **cuidado** a ser exercido envolve três particularidades expressas de forma negativa e positiva. 1) Quanto ao espírito desse serviço, ele não é **por força, mas voluntariamente**. A liderança da igreja era tão perigosa naqueles dias que poderia custar a vida do líder. Mesmo assim, ele não deveria fazer essa obra relutantemente como se fosse um fardo ou considerá-lo como um dever profissional obrigatório. Em vez disso, esse era um ministério para o qual Deus o havia apontado e chamado e, por isso, deveria ser feito com obediência e alegria. 2) A motivação dessa supervisão não deveria ser **por torpe ganância, mas de ânimo pronto** — não como um mercenário que espera ganhar dinheiro. Os presbíteros tinham o direito de esperar sustento material daqueles a quem ministravam; mas sua motivação não deveria provir de um “amor ao ganho constitucional”, que “é uma desqualificação para o ministério cristão”.⁹⁰ Considere seu efeito em Judas Iscariotes! 3) Quanto à forma de supervisão, ela não deve ser **como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho** (3). Os líderes nunca devem ser tirânicos ou se esquecer dos direitos das pessoas que lhes foram confiadas. Eles não devem dominar como o arrogante Diótrefes (3 Jo 9-11), mas liderar pelo poder de uma vida santa. O pastor nunca deve esquecer que ele não é o **Sumo Pastor** (4).

A compensação terrena do líder pode ser insignificante, mas **quando aparecer o Sumo Pastor** (cf. 4.13), ele terá a sua recompensa incorruptível (cf. 1.4,5), a **coroa de glória**, “a felicidade do céu, o elemento principal de a vida de Deus ser derramada na alma por meio de Cristo”,⁹¹ “uma participação perpétua na sua glória e honra” (Bíblia Viva).

B. RELACIONAMENTOS PESSOAIS EM TODA A COMUNIDADE, 5.5-7

Novamente Pedro introduz o princípio da submissão. Ela é sugerida nos versículos 3,4, mas é enfatizada no versículo 5. Há divergência de opinião quanto à palavra **jovens** (5). Não é certo se essa palavra se refere a jovens em idade ou se eram pessoas de “hierarquia inferior”. Alguns entendem que ela representa o laicato da Igreja; outros entendem que se refere aos novos na fé cristã. Wuest sugere que pode muito bem referir-se a organizações compostas por pessoas jovens dentro da Igreja, porque havia essas organizações nas cidades da Ásia Menor.⁹²

A ênfase na submissão a uma liderança propriamente constituída sempre é correta, especialmente em tempos de tensão quando há uma tendência da parte de alguns indivíduos e grupos de achar que a liderança não “está sendo suficientemente vigorosa na sua reação à crise”.⁹³ Os **anciãos** devem servir; os **jovens** devem sujeitar-se; mas todos devem revestir-se **de humildade**. O vestuário deve estar atado de maneira tão segura que nada pode tirá-la de nós. A humildade produz uma atitude apropriada entre as

peessoas e em relação a todos os deveres cristãos, independentemente de quão simples sejam. Isso parece referir-se à situação em que nosso Senhor cingiu-se com uma toalha e lavou os pés dos discípulos (cf. Jo 13.1-9) — uma ocasião quando o impetuoso Pedro aprendeu uma valiosa lição de humildade.

A atitude divina em relação aos orgulhosos é um desafio para cultivarmos a humildade e submissão. “Deus volta-se contra os arrogantes” (NEB), como numa ordem de batalha, porque o orgulho os colocou contra a poderosa mão de Deus. Mas os **humildes** que se submetem fielmente a Ele e confiam no seu propósito, poder e providência não têm motivo para estar ansiosos — o pecado da preocupação. A confiança dos humildes está nEle que promete cuidar deles. Ele está atento a tudo que acontece com eles, tem todas as coisas sob controle e não se esquece de nada. **Ele tem cuidado de vós** (7) nos assegura que ele tem “um interesse pessoal por nós” (Phillips). No devido tempo, Ele nos exaltará, removendo a dificuldade ou chamando-nos para junto dEle. Por que ser perturbado pela ansiedade, se Ele cuida de nós e nos mantém seguros? A confiança em Deus e nas suas promessas não nos exime do dever de sermos vigilantes contra as tentações ou carregar nossa parte das responsabilidades pessoais (cf. 6.4), mas ela remove a inquietação da preocupação.

C. RESISTÊNCIA CONSTANTE AO ADVERSÁRIO, 5.8-9

A preocupação é condenada, mas a vigilância é ordenada. **Sede sóbrios** (autocontrolados), **vigiai** (8); toque o verdadeiro alarme do pastor contra um inimigo perigoso. Esses versículos refletem o encontro pessoal de Pedro e sua experiência amarga com Satanás (cf. Lc 22.31-46). A verdadeira natureza de Satanás é vividamente descrita como: 1) **vosso adversário**, o oponente de Deus, do seu propósito eterno e de tudo que é bom. Satanás é o advogado de acusação, em casos diante do Juiz. Ele é o “acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10), fazendo acusações falsas e caluniosas contra os santos. Qualquer deslize no pecado dá a ele o direito de condenar o pecador e garantir o seu castigo; portanto, a vigilância perpétua e um esforço sério do cristão são fundamentais (cf. 1.13; 4.7). Ele também é chamado de 2) **o diabo**, que acusa, calunia, tenta e seduz. Suas artimanhas variam. Ele pode aparecer na forma de uma serpente perspicaz ou de um anjo da luz ou então 3) **como leão** que brama, sanguinário, violento e insaciável pela rapina, sempre à espreita, **buscando a quem possa tragar**. Esse inimigo astucioso não está à espreita pela presa de forma distraída; ele “observa todos os cristãos para ver em qual deles ele tem a maior chance”⁹⁴ de devorar tanto alma como corpo.

A atitude cristã em relação a essa personalidade diabólica deve ser de resistência firme **na fé** (9). Aquele que aborrece os santos e não desiste da sua oposição a Deus, à verdade e à santidade, pode ser vencido pelo poder de Deus e pela armadura espiritual (cf. Ef 6.11-18). Somente a ortodoxia não é suficiente. A sabedoria humana é insuficiente (cf. 1 Co 10.12) e curvar-se de medo leva à derrota. Mas, o diabo pode ser derrotado pela completa dependência de Deus, como o grande Libertador (cf. vv. 6,7), ao se manter inabalável a confiança no auxílio divino e pela lealdade constante a Cristo (cf. Ap 12.11).

Essas aflições incutidas por Satanás (cf. Jó 1—2) estendem-se a todos os **irmãos no mundo**. Todos os verdadeiros cristãos experimentam **as mesmas aflições** e perseguições. Portanto, não devemos considerar nossas aflições como indicação do desfavor de Deus ou prova de que Ele esqueceu-se de nós (cf. v. 7). O fato de outros crentes estarem experimentando tribulações mostra que os leitores não foram separados para um sofrimento excepcional (cf. At 14.22; 1 Co 10.13; 1 Ts 1.6; 3.4) e que suas angústias não eram mais severas do que aquelas enfrentadas por cristãos em outras partes do mundo. Fazer parte de uma irmandade de sofredores os encoraja a resistir ao diabo, com o seguinte objetivo: “para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (2.9).

SEÇÃO X

SANTIDADE E GLÓRIA ETERNA

1 Pedro 5.10-11

A. DEUS INICIA O CHAMADO À SANTIDADE, 5.10A

Um outro estímulo para resistir ao diabo é que **o Deus de toda a graça** nos **chamou** (10) para a santidade, que é uma preparação para a glória que Ele tem guardado para todos os vencedores. Ele é a Fonte e o Doador de toda a graça necessária para cada ocasião. Ele possui uma graça salvadora, santificadora, sustentadora, satisfatória e estabilizadora (1 Co 12.9,10). Para os pecados, Ele tem a graça da pureza de coração. Para a doença, Ele tem a graça da cura. Para a tristeza, há a graça da sua presença confortadora e de promessas preciosas. Para o estresse, Ele tem a graça da paz “que excede todo o entendimento” (cf. Fp 4.6,7). Ele tem graça suficiente, e mais do que suficiente, para suprir cada uma de nossas necessidades (cf. 2 Co 9.8). O fato de Ele nos ter chamado é prova da sua graça; e a suficiência da sua graça nos assegura de que teremos tudo que é necessário para o viver santo diário.

B. O ALVO É A GLÓRIA ETERNA, 5.10B

O chamado origina-se na graça de Deus, porque “somente pela graça toda obra começa, continua e termina na tua alma” (Wesley). Os chamados devem responder pela aceitação obediente e pelo uso fiel da graça tão livremente oferecida por meio do mérito de **Cristo Jesus** e somente por meio dele fomos feitos participantes da sua

grande salvação (cf. 1.2,3). Tudo aquilo que nos separa dele destrói nossa esperança de vida e glória (cf. Jo 15.5,6).

O alvo em tudo isso é que podemos compartilhar da **sua eterna glória**, para a qual a santidade é a preparação (cf. Mt 5.8, 28; Hb 12.14). E como ocorreu com o Mestre, o caminho para a glória passa pela tribulação e o fogo da perseguição. Isso, porém, é passageiro, enquanto a **glória é eterna** (cf. 2 Co 4.17; Hb 11.25,26).

Não sabemos tudo que estará à disposição do vencedor, mas alguém sugeriu que isso inclui o seguinte:

Um amor que não pode ser sondado,
Uma vida que não pode ser interrompida,
Uma justiça que não pode ser embaçada,
Uma paz que não pode ser entendida,
Um descanso que não pode ser perturbado,
Uma alegria que não pode ser diminuída,
Uma esperança que não pode ser frustrada,
Uma luz que não pode ser interceptada,
Uma força que não pode ser debilitada,
Uma pureza que não pode ser corrompida,
Uma beleza que não pode ser danificada,
Uma sabedoria que não pode ser desfeita,
Recursos que não podem ser esgotados.⁹⁵

C. SANTIDADE E ESPERANÇA TESTADAS PELO SOFRIMENTO, 5.10C

O problema do sofrimento, introduzido em 1.6-9 e mencionado repetidas vezes nessa epístola, tem aturrido filósofos e teólogos ao longo dos séculos. Já se perguntava por que o justo sofre. Davi estava perplexo com esse problema (cf. Sl 73, especialmente vv. 12-17). Ele aturdiu os discípulos de Cristo (cf. Jo 9.1-3). Esse problema perturba os crentes atuais. Mas Deus queria que tudo isso acontecesse “para testemunho” (Lc 21.13). Apesar das coisas que não entendemos nem somos capazes de explicar, o sofrimento é compatível com a vida santa (cf. Is 48.10; Dn 11.35; 12.10). Em vez de significar que o sofredor está debaixo da ira de Deus, pode significar que Deus escolheu essa pessoa para demonstrar sua graça e poder. O sofrimento produz uma unidade com Deus e uma proximidade que não vem de outra forma; ele amplia a vida e ensina compaixão com outros sofredores. Acima de tudo, ele ensina o preço da nossa redenção (cf. 1.18,19; 2.21-24; 3.18).

Pedro estava preocupado que seus leitores cristãos fossem ludibriados pela autopiedade, que tem sua origem em Satanás (cf. Mt 16.23). Se comessem a achar que ninguém mais sofresse como eles ou tivesse um destino tão difícil, sua fé e amor poderiam minguar. Satanás se aproveitaria disso e exploraria essa situação questionando se Deus estaria sendo justo com eles. Certo autor disse que a vida alcança o seu apogeu no sofrimento que coloca a pessoa numa posição em que consegue entender o significado final e imediato do sofrimento.⁹⁶

D. UM PROCESSO COM VISTA À ETERNIDADE, 5.10D

Não obstante o fato de um momento decisivo de purificação ou completa santificação, deve haver um constante crescimento e um amadurecimento espiritual contínuo para que a pessoa seja apta a realizar o seu serviço. Isso não quer dizer que não houve uma purificação completa. Em vez disso, isso mostra que há uma necessidade de um processo que desenvolve e amadurece os dons e o fruto do Espírito e, por meio disso, nos auxilia a controlar o elemento humano envolvido.⁹⁷

O processo de nos preparar para participar na sua glória envolve o “aperfeiçoamento”, i.e., corrigir e tornar perfeito qualquer defeito que aparece durante a devastação da perseguição, para que estejamos preparados para servi-lo perfeitamente. O comentário de Selwyn acerca da palavra grega traduzida por **aperfeiçoará** merece atenção.⁹⁸ Visto que toda a nossa capacitação vem de Deus, Ele mesmo nos tornará aptos, se obedecermos e confiarmos nele. Ele também nos **confirmará**, de tal forma que nada nos fará oscilar ou abalar. Seremos confirmados ou firmados na fé e na obediência. Se houver uma manifestação de fraqueza, ele nos **fortificará**. A provação não somente revela a posse de uma certa força, mas a necessidade e possibilidade de mais força, que Deus concede ao dar um poder interior para vencer todos os inimigos. Além do mais, se a base sobre a qual estamos parados parece tremer, a promessa divina é de que Ele nos **fortalecerá**, i.e, nos colocará num fundamento sólido. Pedro, “a rocha”, traz a idéia de uma fundamentação sólida, segurança e estabilidade para os cristãos sofredores.

E. DOXOLOGIA, 5.11

Ele é o **Deus de toda a graça** (10), e ele próprio nos supre com abundante graça para nos manter firmes na aflição. Ele provê toda a **força** necessária e as influências do Espírito por meio de quem o serviço aceitável pode ser realizado a Deus e aos homens. Visto que **a glória e o poderio** pertencem a Ele **para todo o sempre**, todos deveriam reconhecer isso e dar a Ele a glória que é devida ao seu nome. **Amém!**

SEÇÃO XI

CONCLUSÃO

1 Pedro 5.12-14

A. UMA CARTA COM PROPÓSITO, 5.12

Um dos problemas associados com 1 Pedro é a parte que **Silvano, vosso fiel irmão**, tem em sua epístola. (Veja Int.). Concorde-se geralmente que é uma referência aqui a Silas, companheiro de Paulo em muitas ocasiões importantes, e que compartilhou de algumas das experiências mais importantes que ocorreram com eles (cf. At 15; 16.19-40; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1). Ele era um dos “varões distintos entre os irmãos” na igreja de Jerusalém (cf. At 15.22) e um profeta (At 15.32). As palavras **como cuido** não sugerem a idéia de falta de confiança, mas indicam que o julgamento de Pedro estava baseado no conhecimento pessoal do caráter e valor desse homem — “como também o considero” (ARA).

Essa carta era breve em comparação com o que ele gostaria de ter escrito a eles por meio de exortação, encorajamento e instrução tendo em vista as suas circunstâncias. Um estudo cuidadoso do seu conteúdo doutrinário mostrará que ela é, mesmo assim, uma carta muito importante. Ao exortá-los, Pedro usou de súplica, encorajamento e consolo. Ele deu o relato pessoal de uma testemunha ocular das coisas que ouviu dos outros e creu. Como observador, foi qualificado a assegurar que a fé sobre a qual eles estavam firmados é **a verdadeira graça de Deus**. Nenhuma pergunta que surgisse das suas aflições, nem qualquer sugestão de Satanás de que sua fé era inapropriada deveria desviá-los dessa **verdadeira graça**. Seu sofrimento presente era um incidente passageiro da sua peregrinação terrena a caminho da glória.

B. SAUDAÇÕES DA IGREJA, 5.13

Esse versículo tem ocasionado conjecturas consideráveis quanto ao lugar e à pessoa referida. No texto da KJV aparecem as seguintes palavras em itálico: *igreja que está*. Essas palavras não se encontram no original grego. O verbo feminino permite a seguinte tradução: “Aquele que está em Babilônia” (NVI). Esse feminino singular com o qual o nome **Marcos** está conectado, e que é descrito como **meu filho**, faz com que alguns concluem que a esposa de Pedro participa da saudação. No entanto, o consenso da maioria dos comentaristas é que a igreja e João Marcos, um dos filhos espirituais (cf. At 12.12; 13.5; 15.37,39), enviam saudações. Quanto ao lugar, a interpretação mais provável indica Roma (veja Int.) como a cidade da qual Pedro escreveu. No entanto, a afirmação de que Pedro fundou a igreja de Roma e foi seu bispo por várias décadas não tem fundamento histórico. A **Babilônia** era com frequência usada simbolicamente para Roma (cf. Ap 17.5,9). O teor das afirmações dos bispos posteriores de Roma a favor da primazia de Pedro contradiz o que ele escreveu em relação à liderança da igreja (v. 3). Mas a tradição de que Pedro esteve em Roma nos anos 60 d.C. é primitiva e forte e não deveria ser descartada. Em lugar de **A vossa co-eleita**, leia: “eleita junto com vocês” (NASB).

C. O SINAL DA IRMANDADE, 5.14A

O **ósculo de caridade** com o qual eles saudavam uns aos outros era um símbolo da irmandade cristã. Esse evidentemente era um costume na Igreja Primitiva (cf. Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26), significando afeição mútua. Em certa época, o ósculo santo fazia parte da cerimônia regular da adoração pública. Mas ele se tornou objeto de abuso e, em tempo, um pai da Igreja Primitiva escreveu acerca de “um outro beijo — um beijo impuro, cheio de malícia, simulando santidade”.⁹⁹ Em dado momento, o costume ficou restrito a homens beijando homens e mulheres beijando mulheres. Esse símbolo de irmandade é expresso hoje nos países ocidentais por um cordial aperto de mão.

D. ORAÇÃO PELA PAZ, 5.14B

É significativo Pedro, o apóstolo dos judeus, terminar essa carta com a bênção hebraica de **Paz**, enquanto Paulo, o apóstolo dos gentios, terminar suas cartas com “graça” (e.g., 2 Ts 3.17,18). A **paz** que Pedro deseja a eles é uma paz “em seu significado pleno” — paz com Deus e paz com todos os homens, que incluía paz entre eles. Que consolo saber que em tempos como o deles e o nosso, **todos** que estão **em Cristo Jesus** podem ter uma paz que transcende “tribulação, tumulto, tempestade, tensão!”¹⁰⁰ **Amém!** Que assim seja!

Notas

- ¹ *An Introduction to the New Testament* (6^a ed.; Nova York: Thomas Whittaker, sem data), p. 198.
- ² *A Compendious Introduction to the Study of the Bible* (Nashville: Lane and Scott, 1850), p. 342.
- ³ Ralph Earle, et al, *Exploring the New Testament* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City: 1955), pp. 399-400.
- ⁴ *The Epistle of St. Peter and St. Jude* ("The International Critical Commentary"; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905), p. 7.
- ⁵ *Op. cit.*, pp. 203-4.
- ⁶ "The First Epistle of Peter", *The Wycliffe Bible Commentary*, ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1443.
- ⁷ "Introduction", em Alan M. Stibbs, *The First Epistle General of Peter* ("Tyndale New Testament Commentaries"; Londres: Tyndale Press, 1959), p. 64.
- ⁸ "The Epistles of James, Peter and Jude", *The Anchor Bible*, ed. William F. Albright e David N. Freedman (Nova York: Doubleday and Company, 1964), p. 77.
- ⁹ Charles R. Erdman, *The General Epistles, an Exposition* (Philadelphia: The Westminster Press, 1918), p. 52.
- ¹⁰ *An Introduction to the Study of the Books of the New Testament* (13^a ed.: Nova York: Fleming H. Revell Company, 1939), p. 271.
- ¹¹ *The General Epistles, James, Peter, John and Jude* ("The Century Bible"; Edimburgo: T. C. and E. E. Jack, 1901), p. 43.
- ¹² *Op. cit.*, p. 400.
- ¹³ *The First Epistle of St. Peter* (Londres: Macmillan and Co., 1961), pp. 56-63.
- ¹⁴ *The Letters of James and Peter* ("The Daily Study Bible", 2^a ed., Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 194.
- ¹⁵ "Babylon", *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, traduzido por Geoffrey W. Bromiley, vol. I (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 516.
- ¹⁶ Francis W. Beare, *The First Epistle of Peter* (Oxford: Basil Blackwell, 1947), p. 31.
- ¹⁷ Paul S. Rees, *Triumphant in Trouble* (Westwood, NJ.: Fleming H. Revell Company, 1962), pp. 16-7.
- ¹⁸ Reicke, *op. cit.*, p. 74.
- ¹⁹ Philip E. Hughes, "1 Peter", *Christianity Today*, vol. I, N 9, 30.
- ²⁰ *New Testament Survey* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), pp. 351-2.
- ²¹ *The New Testament of Our Lord and Savior Jesus Christ. With Critical, Explanatory, and Practical Notes*, vol. II (Nova York: George Lane and Levi Scott, 1852), p. 603.
- ²² *Op. cit.*, p. 3.
- ²³ *Op. cit.*, p. 352.
- ²⁴ Rees, *op. cit.*, p. 9.
- ²⁷ James Macknight, *The Apostolical Epistles* (Filadélfia: Thomas Wardle, 1841), pp. 603-8.

- ²⁸ Cf. John McClintock and James Strong, *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature* (Nova York: Harper and Brothers, 1894), vol. VIII, pp. 16-7.
- ²⁹ *Apostolic and Post-Apostolic Times*, traduzido por A. J. K. Davidson, II (Edinburgo: T. and T. Clark, 1886), p. 136, nota.
- ³⁰ *The New Testament Epistles, James, First Peter, Second Peter, Jude* (Nova York: Methodist Book Concern, 1921), pp. 121-45.
- ³¹ *The Student's Handbook of Christian Theology* (nova edição; Nova York: Hunt and Eaton, 1889), pp. 181-7.
- ³² *Ibid.*, p. 184.
- ³³ W. T. Purkiser, et al., *Exploring Our Christian Faith* (Cidade do Kansas: Mo.: Beacon Hill Press of Kansas City, 1960), p. 60. Veja também pp. 274-80.
- ³⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 186.
- ³⁵ Veja Purkiser, *op. cit.*, pp. 350-89.
- ³⁶ Bennett, *op. cit.*, p. 188.
- ³⁷ Albert Barnes, *Christianity Today*, vol. I, N° 14, p. 23.
- ³⁸ *Ibid.*
- ³⁹ William Barclay, *More New Testament Words* (Nova York: Harper and Row, 1958), pp. 42-6.
- ⁴⁰ Wesley, et al., *One Volume New Testament Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, reeditado, ed., 1957), *ad loc.*
- ⁴¹ Bennett, *op. cit.*, p. 190.
- ⁴² Wesley, *op. cit.*, *ad loc.*
- ⁴³ Nathaniel M. Williams, "Commentary on the Espistles of Peter", *An American Commnetary on the New Testament* (Filadélfia: The American Baptist Publication Society, 1890), p. 17.
- ⁴⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 195.
- ⁴⁵ Cf. Bennett, *op. cit.*, p. 200.
- ⁴⁶ *Ibid.*
- ⁴⁷ *First Peter in the Greek New Testament* (Grand Rapids: Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co., 1942). p. 42.
- ⁴⁸ *Ibid.*, p. 43. Veja também Purkiser, *op. cit.*, cap. XII.
- ⁴⁹ Lange, *Commentary*, "I Peter", p. 24.
- ⁵⁰ Alan M. Stibbs, "The First Epistle General of Peter", *Tyndale New Testament Commentaries*, ed. R. V. G. Tasker (Londres: The Tyndale Press, 1959), p. 92.
- ⁵¹ Purkiser, *op. cit.*, p. 361.
- ⁵² Bennett, *op. cit.*, p. 202.
- ⁵³ Veja Purkiser, *op. cit.*, cap. XVII, para um tratamento completo acerca de "Crise e Processo de santificação".
- ⁵⁴ John Wick Bowman, "The First and Second Letters of Peter", *The Layman's Bible Commentary*, ed. Balmer H. Kelly (Richmond: John Knox Press, 1959), p. 131.

- ⁵⁵ *Op. cit.*, p. 44.
- ⁵⁶ Purkiser, *op. cit.*, p. 341.
- ⁵⁷ *Op. cit.*, p. 876.
- ⁵⁸ D. D. Whedon, *Commentary on the New Testament* (Nova York: Hunt and Eaton, 1890), vol. V, p. 200.
- ⁵⁹ *James and Peter*, "Aldersgate Biblical Series" (Winona Lake, Indiana: Light and Life Press, 1962), Leader's Guide, p. 63.
- ⁶⁰ *Op. cit.*, p. 101.
- ⁶¹ *Against the Atheists*, Lewi's edição. 1845, p.68, vol. I, p. 12.
- ⁶² *Op. cit.*, p. 172.
- ⁶³ Bennett, *op. cit.*, p. 216.
- ⁶⁴ *Op. cit.*, p. 12.
- ⁶⁵ *Ibid.*
- ⁶⁶ Veja Whedon, *op. cit.*, p. 205; e Stibbs, *op.cit*, p. 122.
- ⁶⁷ Williams, *op. cit.*, p. 42.
- ⁶⁸ "The Epistle of Peter, John and Jude", *Layman's Handy Commentary*, ed. Charles John Ellicott (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1957 [reedição]), p. 64.
- ⁶⁹ *Ibid.*
- ⁷⁰ Bennett, *op. cit.*, p. 224.
- ⁷¹ Veja *Juvenal*, Sat. vol. VI, pp. 492-504; Barclay, *op.cit*, pp. 261-3; Wuest, *op.cit*, pp. 73-80.
- ⁷² Erdman, *op. cit.*, p. 73.
- ⁷³ Bennett, *op. cit.*, p. 230.
- ⁷⁴ Selwyn, *op. cit.*, p. 193.
- ⁷⁵ Reicke, *op. cit.*, p. 108.
- ⁷⁶ Whedon, *op. cit.*, p. 209.
- ⁷⁷ Wesley, *op. cit.*, p. 882.
- ⁷⁸ *Op. cit.*, pp. 233-4.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. 91.
- ⁸⁰ William G. Moorenhead, *Outline Studies in the New Testament, Catholic Epistles* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1908), p. 67. Commentary referência às diversas interpretações dessa passagem veja Stibbs, *op. cit.*, pp. 140-143; Selwyn, *op. cit.*, pp. 197-208, 314-362; Bennett, *op. cit.*, pp. 234-7; Bigg, *op. cit.*, p. 162; Barclay, *op. cit.*, pp. 279-87; Whedon, *op. cit.*, pp. 209-14; Wuest, *op. cit.*, pp. 92-109; Hayes, *op. cit.*, pp. 176-82.
- ⁸¹ Purkiser, *op. cit.*, p. 170.
- ⁸² Cf. Wuest, *op. cit.*, p. 112. Bennett, *op. cit.*, p. 243.
- ⁸³ *Op. cit.*, p. 216.
- ⁸⁴ Bennett, *op. cit.*, p. 246.

- ⁸⁵ Veja Wuest, *op. cit.*, pp. 118-22.
- ⁸⁶ Bennett, *op. cit.*, p. 250. Veja também Ellicott, *op.cit*, pp. 103-4.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, p. 104.
- ⁸⁸ Cf. Beare, *op. cit.*, p. 168.
- ⁸⁹ Cf. Wuest, *op. cit.*, p. 123.
- ⁹⁰ Williams, *op. cit.*, p. 68.
- ⁹¹ *Ibid*, p. 70.
- ⁹² *Op. cit.*, p. 126.
- ⁹³ Beare, *op. cit.*, p. 176.
- ⁹⁴ Ellicot, *op. cit.*, p. 113.
- ⁹⁵ Citado por J. Allen Blair, *Living Peacefully* (Nova York: Loizeaux Brothers, 1959), p. 249.
- ⁹⁶ Wayne R. Oates, *What Psychology Says About Religion* (Nova York: Associaton Press, 1958), pp. 102-3.
- ⁹⁷ Cf. Pursiker, *op.cit*, pp. 351, 367.
- ⁹⁸ *Op. cit.*, p. 240. Veja também Rees, *op. cit.*, pp. 135-6.
- ⁹⁹ Wuest, *op. cit.*, p. 133.
- ¹⁰⁰ Rees, *op. cit.*, p. 143.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARCLAY, William. *The Letters of James and Peter*. 2ª ed. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- BEARE, Francis W. *The First Epistle of Peter*. Oxford: Basil Blackwell, 1947.
- BENNETT, W. H. *The General Epistles: James, Peter, John and Jude*. "The Century Bible". Ed. W. F. Adeney. Edimburgo: T. C. and E. C. Jack, 1901.
- BENSON, Joseph. *Tyndale New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ, with Critical Explanatory and Practical Notes*, vol. II. Nova York: Carlton and Phillips, 1856.
- BIGG, Charles. *The Epistle of St. Peter and St. Jude*. "The International Critical Commentary". Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905.
- BOWMAN, John Wick. "The First and Second Letters of Peter", *The Layman's Bible Commentary*. Ed. Balmer H. Kelley. Richmond: John Knox Press, 1959.
- CAFFIN, B. C. et al. *I Peter*. "The Pulpit Commentary". Ed. H. D. M. Spence e Joseph C. Exell. Edição reeditada. Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1950.
- CLARKE, Adam, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s. d.
- ERDMAN, Charles R. *The General Epistles: An Exposition*. 1ª ed. Filadélfia: Westminster Press, 1918.
- HUNTER, Archibald M., e HOMRIGHAUSEN, Elmer G. "The First Epistle of Peter". *The Interpreter's Bible*, vol. XII. Ed. George Arthur Buttrick, et. Al. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1957.
- MACKNIGHT, James. *The Apostolical Epistles*. Filadélfia: Thomas Wardle, 1841.
- PAINE, Stephen W. *The First Epistle of Peter*. "The Wycliffe Bible Commentary". Ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- REICKE, Bo. "The Epistle of James, Peter and Jude". *The Anchor Bible*. Ed. William F. Albright e David N. Freeman. Nova York: Doubleday and Company, 1964.
- SELWYN, E. G. *The First Epistle of St. Peter*. Londres: Macmillan and Company, 1961.
- STIBBS, Alan M. *The First Epistle General of Peter*. "Tyndale New Testament Commentaries". Ed. R. V. G. Tasker. Londres: Tyndale Press, 1959.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Nova York: Carlton and Phillips, 1855.
- ____ et al. *One Volume New Testament Commentary*. Edição reeditada. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.
- WHEDON, Daniel D. *Commentary on the New Testament*, vol. V. Nova York: Hunt and Eaton, 1890.
- WILLIAMS, Nathanael M. *Commentary on the Epistles of Peter*. "An American Commentary on the New Testament". Ed. Alvan Hovey. Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1890.

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, W. F., e GINGRICH, F. W. (ed.); *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.
- BARCLAY, William. *More New Testament Words*. Nova York: Harper and Row, 1958.
- BLAIR, J. Allen. *Living Peacefully*. Nova York: Loizeaux Brothers, Inc., 1959.

- DODS, Marcus. *An Introduction to the New Testament*. 6th ed. Nova York: Thomas Whittaker, s. d.
- EARLE, Ralph, et al. *Exploring the New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1955.
- FIELD, Benjamin. *The Student's Handbook of Christian Theology*. Nova edição. Nova York: Hunt and Eaton, 1889.
- GALBREATH, Marvin L. *James and Peter*. "Aldersgate Biblical Series". Leader's Guide. Winona Lake: Light and Life Press, 1962.
- KERR, John H. *An Introduction to the Study of the New Testament*. 13th ed. Nova York: Fleming H. Revell, 1939.
- McCLINTOCK, John, and STRONG, James. *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, vol. VIII. Nova York: Harper and Brothers, 1894.
- MOOREHEAD, William G. *Catholic Epistles*. "Outline Studies in the New Testament". Nova York: Fleming H. Revell, 1908.
- PURKISER, W. T., et al. *Exploring Our Christian Faith*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1960.
- REES, Paul S. *Triumphant in Trouble*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1962.
- TENNEY, Merrill, C. *New Testament Survey*. Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1961.
- WUEST, Kenneth S. *First Peter in the Greek New Testament*. "Wuest's Word Studies". Grand Rapids: William. B. Eerdmans Publishing Company, 1942.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

10

Hebreus a
Apocalipse

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

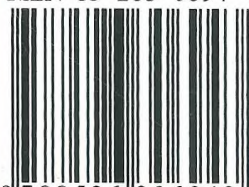
Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Richard S. Taylor
A. E. Harper
Roy S. Nicholson
Eldon R. Fuhrman
Harvey J. S. Blaney
Delbert R. Rose
Ralph Earle

ISBN 85-263-0694-4



9 788526 306943

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO